

Salomão Rovedo



Sonja Sonrisal

(Contos)

Rio de Janeiro
2006

SONJA SONRISAL CONTOS

1 ADEGA DOS SOLITÁRIOS, pg. 3

2 UMA ILHA DE SAUDADE, pg. 9

3 MARÉ DE VIDA, pg. 14

4 SOLIDÃO, pg. 18

5 O BAR RIGA FECHA AS PORTAS, pg. 21

6 ROSÁLIA ROMERO SOBE AOS CÉUS, pg. 26

7 OS MORTOS ENTRE NÓS, pg. 28

8 EU, IDO, E OS OUTROS EUS, pg. 33

9 SONJA SONRISAL, pg. 38

ADEGA DOS SOLITÁRIOS

“Sem os amigos o mundo não passa de um deserto”.
(Francis Bacon)

O dia me pareceu igual a todos os dias de aposentado, cheio da calma silenciosa que essa fase da vida traz. Ontem, porém, tive a noite de sono agitado. Pesadelo, pressão alta, cabeça pesada (devo ter dormido de estômago cheio). De manhã ao levantar reparei o chinelo emborcado. Para completar sonhei que me caía um dente. Sinal de morte na família. Uma chatice! Minha dentadura dorme no copo d'água um sono melhor que o meu. Devo aprender a acordar como ela, sempre sorrindo lá do copo para mim. No entanto, para compensar a noite atribulada, o domingo amanheceu branco, translúcido, com o céu estupidamente azul.

Vamos vivendo sem a preocupação de mudar o ambiente de ócio puro nos fins de semana, porque afinal sábado é dia sagrado de vadiagem e domingo de descanso obrigatório, dia de coçar o saco. Segui o roteiro no ritmo de sempre: acordei, fiz meu cocozinho, botei a dentadura, tomei água de coco em jejum, mastiguei um comprimido de AAS infantil, caminhei até os jardins, fui à estação de trem, me benzi diante da igreja, cumprimentei a fauna matinal de andarilhos, retornei pela rua orlada de amendoeiras e desemboquei na *Adega dos Solitários*, já perto de dar meio-dia. Roteiro, claro, feito a meu gosto.

Como de praxe, ocupei a *minha mesa*, disposto a ler as notícias do jornal, mais as propagandas, incluindo os anúncios eróticos. Só não perco tempo lendo obituário nem fazendo palavras cruzadas, que é coisa de velho. A *minha mesa* fica encostada num cantinho desprezado da *Adega dos Solitários*, nas proximidades da porta, caminho obrigatório de todo mundo que entra e sai, ensejo para inevitáveis abraços, cumprimentos, tapinhas nas costas. De entremeio fico paquerando as mulheres que vão e vêm pelo ambiente. Existe coisa mais bonita que mulher? Ainda mais na flor da idade? Que beleza!

– *Como vai? Saúde boa? Viu o Elísio por aí? Esse cabra anda sumido.*

– *Tudo bem, vamos levando. O Elísio está zanzando por aí... Deve chegar a qualquer momento.*

É o garçom que chega com os cumprimentos habituais, inventando novidade. Traz a cerveja gelada, serve a tulipa, mas fica ali conversando fiado sobre a netinha, que já diz algumas palavras, que já anda, que faz peraltices, espiando volta e meia as manchetes do jornal. Entre uma frase e outra comenta conforme o assunto, a manchete do dia, os crimes, a fofoca política.

Em tempos de frio na *Adega dos Solitários* convém beber o vinho tinto seco, gostoso, cor de sangue. Outra opção é a cerveja escura (não a preta), a münchen – munique – ou bock. Mas no verão é insubstituível a *loirinha* servida espumante geladinha na tulipa. Ainda mais quando o corpo está agitado, puxado ao calor do

passeio, o suor aflorando na pele, num cansaço morno. Nessa ocasião desce maravilhosamente bem goela abaixo a cervejinha gelada!

Ao se aproximar a velhice é uma das poucas vantagens que a gente tem. Os amigos tratam com carinho às vezes até excessivo, procuram fazer companhia, chegam para o bate-papo ligeiro, apresentam orgulhosos os rebentos, filhos, netos. Tanta gentileza me deixa encolhido no meu reduto constrangido, mas no fundo orgulhoso de ser tão popular. Ter tantos amigos nestes tempos de tristeza, para usar o lugar-comum, é gratificante. Mas, gente, não precisam ser tão afetuosos a ponto de fazer pensar que estão sempre se despedindo!

– E aí? Saúde boa? Cadê o parceiro? Hoje está curtindo a loirinha sozinho? Olha aí quanta gente em volta, parece até feira.

– Vamos indo. E em casa? Estou lendo as últimas, mas daqui a pouco o Elísio chega e aí acabou a tranqüilidade. Pois é, tá todo mundo aí enchendo a vida... Nunca se está só.

As horas passam – e a *Adega dos Solitários* cria vida: a freguesia aumenta as vozes, se ouve alguns gritos que clamam por amigos, falam de futebol, vastos abraços, crianças que correm, brindes, beijos, cumprimentos exagerados. Ainda hoje não sei porque essa gente fala tão alto nos bares como que querendo se anunciar, lembrando cena de tabernas, corsários sobre a mesa, filme de pirata, braços empunhando espadas e canecos espumantes.

Além da rua o mar tremeluz as ondas verdes ao sol, revoltas, espumantes, quebrando na areia da praia entulhada de banhistas. Os surfistas esperam ondas boas. Eu espero o meu amigo Elísio aparecer a qualquer momento, entrando porta adentro diretamente para *minha* mesa, com o costume de puxar assuntos velhos, esquecidos no tempo. Antes mesmo dos cumprimentos e de se sentar vai puxando conversa com tanta ênfase e empolgação que até mesmo as piadas antiqüíssimas ganham ar de novidade.

Explicando melhor para quem não sabe: aos sábados e domingos encontro o meu amigo Elísio, companheiro inseparável (da infância até hoje, diga-se de passagem), para a tradicional cervejinha e aquele bate papo furado de quem joga conversa fora.

Ex-petroleiro de profissão deu azar e a perna direita aprontou com ele, sacrificada por anos e anos seguidos subindo torres e tanques, controlando a produção e cheirando gases na refinaria. Encheu-se de varizes e apressou a aposentadoria. Eu sacaneio dizendo que as varizes e as úlceras dolorosas – que incomodavam tanto – eram cultivadas por ele, para proteger o pulmão do coquetel mortífero de gases venenosos que emana das unidades industriais. Hoje, os dois aposentados, fazemos da *Adega dos Solitários* o ponto de encontro, nosso escritório.

– Como vai? Esse tempo... 40 graus! Que abafado. Imagina quando o verão chegar!

– *Vamos levando... Até que a canícula serve para valorizar o chope, não é? Desce geladinho.*

Quem passa sempre tem que reclamar de algo. É a vida que está difícil, o desemprego, a corrupção, a violência. Principalmente para os aposentados: os meninos chegam cheios de idéias modernas na política querendo governar, mas nunca pensam no montículo de carne que constitui o homem. Hoje tudo que interessa é cifra, estatística, PIB, balança comercial.

Algum economista sai da universidade imaginando que existe o ser humano? Universidade? Pensem bem nessa palavra. Quem ali é direcionado a ir de braços abertos ao encontro desse gnomo, de existência limitada a alguns poucos anos, com sentidos, reações, desejos, emoções, lutando desesperadamente para sobreviver?

Após ter enfrentado a guerra contra planos econômicos (impostos para nós como miraculosos, mas que logo se transformam em pesadelo), para receber uma aposentadoria denegrida, paupérrima, o meu amigo Elísio encara diuturna batalha com os médicos, sobre o que não comer, o que beber e não beber, nunca mais fumar para evitar enfisemas, não piorar o estado da perna necrosada. As duas últimas – beber e fumar – estavam definitivamente proibidas, mas cadê dele obedecer alguma dieta?

Entre risos e piadas – ao menos o espírito mantém-se saudável – ficávamos relacionando as coisas que no passar da idade são proibidas pelos doutos clínicos, gozando o sádico prazer de escravizar-nos com receitas e bulas intermináveis. Primeiro, as comidas malditas: mocotó, feijoada, rabada, dobradinha, churrasco de picanha, lingüiça, uma lista interminável.

Depois vinham as bebidas: daqueles milhares que anunciam na TV as mulheres e rapazes bonitos, só se salvava o vinho tinto – só um copo por dia! quem agüenta? – uma ou outra dose de uísque. Cerveja, batida, cuba-libre, tequila, licores? Nada. Cachacinha? Necas! Uns tempos andamos bebendo aquela coisa intragável chamada cerveja sem álcool. Uma desgraça abominável que repudiamos com veemente brado de guerra:

– *Preferimos enfrentar a morte, a beber esse xixi de cevada e arroz!*

– *Abaixo a cerveja sem álcool, o fumo sem alcatrão, a comida sem gordura! Viva a picanha, a lingüiça, a orelha de porco!*

Claro que era tudo brincadeira. O meu amigo Elísio foi intimado a desfazer o sortido bar que mantinha em casa. O bar desapareceu, mas as garrafas de pinga mineira, as batidinhas feitas em casa, as latas de cerveja, os licores de jenipapo, eram encontradas nos mais diversos esconderijos. Aí vinha o pior: cigarro nem pensar! Nem outro tipo de fumo: charuto, cachimbo, cigarrilha, nada, nada.

Eu parei de fumar, mas andei levando para ele uns cigarros indianos sem nicotina, de ervas, de ginseng, mas eram pequenos e caros. Outros cigarros estrangeiros *made in Indonésia*, com cravinho, aromatizado com canela, cereja, chocolate, tantos sabores para embelezar o vício, eram feitos do velho fumo de guerra mesmo, fumo bruto, sem

lavar, iguais aos *gouloises* franceses, os *duros* cubanos, que qualquer médico condena no ato.

– *Ih, tudo que é bom está vetado. Depois de velhos começam a nos cortar tudo. Ainda bem que não proibiram as mulheres. Brindemos às mulheres bonitas!*

– *Então, nem tudo está vetado. Não nos tiraram tudo. Não proibiram as mulheres. Tim-tim às mulheres bonitas! Viva a mulata! Viva a loura! Viva a morena!*

Outro vício que o meu amigo Elísio tinha é o de comer doces. Tudo quanto era guloseima, maria-mole, pé-de-moleque, confeito, bala, bombom. Não conseguia passar em frente à confeitaria e padaria sem atacar e sair com três ou mais tipos de doces. Bomba, mil-folhas, sonho, confeitos tentadores e coloridos que vinham derramando açúcar, creme, doce-de-leite, pelas bordas. A cocada baiana, *quebra-queixo*, era a favorita, o deixava todo se babando. Trazia também paçoca de amendoim, doce de abóbora ou umas mariolas, na falta de outros.

Não interessava o tipo de doce desde que seja gostoso, que dá energia, o organismo pede – é proibido. Mas ele comia. Mesmo se seriamente advertido debaixo da ameaça implacável da hiperglicemia, dos diabetes, dos males da obesidade, continuava comendo.

Com tantas restrições na vida quem não se revolta? Quem vai se submeter a viver a vida de convento se na memória estão gravados os prazeres, os dias de alegria, todas as horas e os minutos de felicidade? Quem vai virar monge de dieta se teve toda a vida glorificada com os pecados da gula, do sabor, do paladar, do olfato? Já não basta a tristeza do tempo nos obrigar à abstinência da carne, não a do açougue, mas carne de mulher, rosada, perfumada, pecadora, cujo odor é único e insubstituível? Quem tem poder de resistir às propagandas coloridíssimas, apresentadas pelas musas da TV?

Éramos velhos e rebeldes acostumados a nos condenar inapelavelmente:

– *Jamais entraremos no Reino dos Céus! Com a generosa bondade do Senhor alcançaremos no máximo o Purgatório. Se tivermos muita sorte seremos designados para o Campo das Delícias, um purgatório VIP, feito especialmente para nós...*

– *Do contrário, teremos que aturar presença chata do Diabo a nos encher o saco, em pessoa, com as estórias que leva vantagem sobre o bom Deus, tendo-nos mais como exemplar motivo de sua alegria. Abriremos filial da Adega dos Solitários, destinada a acolher no Inferno os heróis e virtuosos, como nós!*

O meu amigo Elísio demora a chegar, mas esse é apenas mais um detalhe da personalidade dele. Na verdade, pontualidade é costume que não tem nenhuma importância agora, na nossa idade. Mesmo que não venha – e isso já aconteceu inúmeras vezes – estaríamos nos vendo, conversando e trocando idéias nos subterrâneos da memória.

É regra comum, é tempero de amizade. Faltar sem explicar é necessário, prova fatal e obrigatória nas grandes amizades. E nós construímos a liberdade, prerrogativa alcançada por afeição maior de cinqüenta anos, que proíbe justificar qualquer coisa. Tudo que fazemos, um com o outro, qualquer coisa, jamais é considerado falta.

Em tempo algum nós brigamos, jamais nos passou pela cabeça a audácia de julgar o outro. Nunca perdemos a paciência, muito menos condenamos qualquer atitude do outro. Quantas vezes a memória me traiu no dia do seu aniversário, o contrário do meu amigo Elísio, cabeça boa, sempre antecipava a data do meu nascimento fazendo alguma surpresa, antes de qualquer pessoa, até mesmo dos parentes. Não é bacana?

Às vezes quando o tempo fecha e cai aquela chuva fina, de inverno atrasado, invadindo as mesas, os ossos, as almas, nos meses de setembro, outubro, novembro a *Adega dos Solitários* fica turva, sem forma, nos deixa face a face com o abismo. Em pleno sol do Rio de Janeiro, o barzinho é transformado – como dizíamos – numa espécie de “templo paulista”, pelo chuvisco que traz a tristeza das boas recordações, lembrança dos amigos que faltam a encontros.

A mente vaga à toa, não deixa separação entre sombra e trevas, o olhar vislumbra um tempo que não é nem noite nem dia. É a hora de se apossar desse ambiente e criar o mundo particular. Das prateleiras, do teto, da paisagem de Nilton Bravo pintada na parede, como uma foto, pende a imagem indivisível do meu amigo Elísio. O ambiente fica suspenso, como a casa sem cumeeira, sem esteio, sem telhado.

Houve manhã e tarde e nada disso tudo foi bom. Na *Adega dos Solitários* todos perguntaram por ele querendo saber notícias. Vou informando como correm os boatos: sem precisão, vagamente, por ouvir dizer. Assim é melhor. Um dia na vida todos seremos boatos, lendas, tradições. Nem se dão conta que o lugar continua vazio à mesa, não conseguem vislumbrar a sombra que projeta a ausência dele. Mas as coisas se querem lé com lé, cré com cré.

E foi assim com o meu amigo Elísio, cara bom, um homem bom que nada precisa para seu mantimento, só de si mesmo carece. Não conheceu a árvore do conhecimento do bem e do mal, jamais comeu do seu fruto. Quando bebê ele se alimentou unicamente do leite da bondade humana. Se quiserem saber mais ainda: seja por ingenuidade ou por fornada de caráter o meu amigo Elísio jamais se deu ao trabalho de distinguir o bem do mal. Para quê? Para ele tudo era o bem.

Hoje tenho em conta por mais felizes aqueles que faltam aos encontros, mais ainda do que os que me cercam procurando apoio como barcos perdidos, atracados na bóia em mar revolto. Assim foi no princípio. Nenhuma falta fez o meu amigo Elísio, que estava sempre para chegar. Ninguém notou as ausências nem deu tempo ao tempo para ver os dias passarem. Aquele lugar vazio, que ninguém ocupa por respeito, jamais se tornou um templo incômodo. Eu fico do lado oposto, lendo jornal, esperando.

Simplesmente a *minha* mesa está ali, as duas cadeiras postas, o sol entrando pela porta, o corpo se cobrindo de gotículas de suor, tudo isso para endeusar a cor dourada da cerveja. Através da tulipa dourada as imagens se ornaram translúcidas, cristalinas. Acreditam? É hora da *Adega dos Solitários* fechar. O meu amigo Elísio não veio afinal,

talvez nem viesse, mas não importa. É sua maneira, enfim, de preservar um pouco a camaradagem eterna. Quando termina o dia, só então, o desânimo desaba por dentro. Descansado de todas as obras e artes que juntos erguemos, penso só na pessoa. Ele era um, éramos vários, era cem, éramos mil.

Nunca nos coube fazer justiça, nem julgamentos pessoais, nem tentamos cimentar o espaço no tempo, como se fosse coisa construída por nós, para nós. Nos contentávamos com a volatilidade, a leveza e não temporalidade, a rapidez do eterno, porque sabíamos que amigos não morrem, viram estórias, se transformam em neblina serrana, garoa finíssima, fria de doer os ossos ou naquele chuvisco que vem para anuviar a alma indevassável dos outonos.

UMA ILHA DE SAUDADE

“Viver sem amigos não é viver”.
(Cícero)

Chegamos ao começo do fim, ou ao fim do começo, ou ao começo do começo, sei lá, talvez tenhamos chegado mesmo é ao fim do fim. Que importa a chuva que encharca nossos corpos? Quem se importa com isso, num cemitério ou num santuário?

Há aqueles que pensam que a simpatia se faz entre almas gêmeas. Mas não é sempre assim. Walter e eu, por exemplo, solidificamos nossa amizade com choques de opiniões e da divergência alimentamos a camaradagem, que jamais se perdeu. Nossa irmandade começou mais no confronto de idéias do que nas convergências. Nenhum vício, nem os defeitos, nem mesmo as qualidades nos impediram de ser amigos.

Em muitas coisas batíamos de frente. No futebol, por exemplo, ele torcia pelo Fluminense e eu era fanático pelo Flamengo. Ideologicamente falando éramos anarquistas, à nossa maneira. Socialistas religiosos, caóticos e apolíticos, se é que isso pode existir. Em religião Walter se dizia ateu, mas vivia se cercado de todas as proteções, gnomos, santinhos, rezas, coisas mágicas. Do meu lado, gostaria de ser agnóstico, sem entender claramente o que isso significa. Em política nos dizíamos socialistas. Enfim, inventávamos umas ideologias e religiões a nosso jeito, mas tudo sem fanatismos, nem choques fatais. A verdade é que levávamos a vida numa gozação sem fim, num prazer interminável.

Queiramos ou não, somos cativos das amizades que fazemos. Sempre procurando o ouro, ouro do amor amigo, que flui eterna e infinitamente. Pouca gente sabe o que isso significa. O sentido da amizade, em pleno ano 2000, é bem diferente. Cheira a traição, é ligado a sexo, a confusão social, às convenções, aos preconceitos, tudo errado em torno do sentimento. Poucos entendem a boa relação sentimental, ninguém reconhece que todos os prazeres começam nos sentimentos, que ser amigo não é só multiplicar o que é bom e repartir coisas ruins.

Nós tínhamos orgulho de ter ultrapassado esses limites. Ademais, para completar, não cultivávamos inimigos. Se acaso eles aparecessem, tratávamos logo de transformar a quizila em concórdia – e ao fim saíamos ganhando mais um companheiro fiel, mais uma amizade.

Dizem que se conhecem os amigos é na adversidade, nas tribulações da vida. Para nós isso nunca funcionou: as dificuldades, geralmente de caráter sentimental, coisas de paixão, a gente atropelava, tirava de letra. E defendíamos, mutuamente e com isenção, as confusões domésticas, primeiro com a família, mães, pais, irmãos, depois com as mulheres e filhos. Nas horas mais graves, bancávamos Pilatos.

Em determinadas ocasiões da vida, ser amigo é ficar mudo lado a lado, sem irritar as feridas com consolações falsificadas, sadismo, masoquismo, sentimentalismo e pseudomoralismo.

Um dia encontrei Walter bêbado, sentado no meio-fio, com a velha pistola do pai dele, militar reformado, na mão. Talvez nem tivesse bala, era símbolo, troféu guardado da caserna. Meu amigo estava sob o vulcão da crise. Amor, traição, falsidades, coisas que as mulheres aprontam todo dia, em nome da liberdade sexual e igualdade social. E eu no meio do furacão...

Apenas sentei a seu lado, o deixei derramar e vomitar causas e coisas que haviam levado àquele lastimável estado. Para se vingar de ter sido traído, Walter queria, *apenas*, incendiar a casa do amante, matar a mulher e cometer suicídio. Devia estar de porre mesmo, para pensar naquelas maluquices que só existem em novelas de TV e nos filmes tipo dramalhão. Dissuadi-o de executar todas aquelas *diabólicas vinganças* (que no fundo me faziam rir), planejadas ao calor da descoberta da infidelidade, coisa mais banal hoje em dia.

– Rapaz, isso tudo só vai arrumar a vida dos outros. Teu problema mesmo, não resolve. Nós vamos e os problemas ficam. As pessoas que te chateiam ficarão aí, vivinhos da silva e você estará comendo capim pela raiz.

Caminhamos um bocado, fumamos, conversamos, botei meu braço sobre o ombro de Walter – gesto bem recebido – e terminamos rindo da cara do outro, tomando chope num bar que ficava bem em frente ao distrito policial! Tempos depois me vi numa situação parecida (tirando a dramaticidade e a arma porque é coisa que tenho pavor, não sei manusear revólver, espingarda, nada), mas ele não estava aqui para me socorrer. Senti o quanto a presença do amigo significa vida, que duas almas juntas são mais fortes.

Um ditado italiano diz, com razão: “Ovos frescos de uma hora, pão quentinho do mesmo dia, vinho envelhecido mais de ano e amigo no mínimo de trinta anos”. Esse tipo de fidelidade traz alegrias e a certeza de termos causados mais o bem e ter sido o trambolho mais leve possível aos amigos.

A família de Walter me usava sempre que podia, quando a teimosia dele se impunha às necessidades de saúde, da família. Era relaxado da própria vida, tratava a saúde com chás chineses, ginseng, mezinhas e remédios caseiros, homeopáticos, sei lá o que mais. E lá ia eu, bancar o mediador, sabendo que nada demoveria de fazer o que havia se determinado. O máximo que conseguia era encaminhar a coisa de modo a satisfizer ambos os lados. Eu sabia que a teimosia dele era superior a tudo.

Gostávamos dos mesmos vícios, pecados, bebidinhas e comidas *envenenadas*: mocotós, rabadas e feijoadas. Só que meus vícios me deixaram a tempo e ele, heroicamente, se enterrou com todos.

Sem afeição a vida não tem graça. Sem o amigo do peito, que advinha as coisas, que sabe o que gente tem em mente, amigo leal, que nunca deixa de ser amigo, é ter a existência pela metade.

Amigo é mais irmão do que amigo, companheiro de todas as horas que nunca esquece a gente. Fico triste de saber que existem tantas pessoas que vivem sem conhecer esse outro lado da amizade.

Uma tarde Walter estava na fila da loteria – outra das suas manias – quando de repente passou mal. Ofereceram logo a cadeira, onde ele se sentou respirando lentamente, o peito arfando, a fala ofegante. As pessoas queriam ajudar, mas ele resistia:

– *Estou bem, tudo bem. Preciso só descansar um pouco.*

Acendeu o cigarro e ficou por ali, esquecido entre as pessoas que faziam fila para tentar a sorte de ser o milionário entre milhões. Mas o que seria um pouco demorou demais, a respiração não normalizou, até que alguém mais ativo teve a idéia de chamar a filha em seu socorro e providenciar logo a ambulância. Saiu dos exames preliminares diretamente para internação em hospital. Ganhou três pontes de safena e a promessa de mais alguns anos de sobrevida. É assim que eles chamam: sobrevida.

Ponte de safena e cesariana se transformaram no comércio mais lucrativo da indústria médica, mas há males que vêm para o bem, pois em nome da sobrevida, que poderia ser curta (Deus livre e guarde, mas eu tinha razão), consegui convencer Walter a viajar comigo. E fomos juntos rever nossa juventude perdida há quarenta anos, na longínqua ilha de nossas lembranças – apropriadamente chamada Ilha da Saudade.

Foi prazer para nós desfrutar a maravilhosa vista aérea que índios e habitantes primevos não tiveram. Do alto a Ilha da Saudade parece pequena, limitada geograficamente. Diferente do que aparece nos mapas, na nossa cabeça era uma grande e vastíssima ilha. Os rios sinuosos serpenteiam entre a mata, para a embocadura, rumo ao mar. Anos depois de termos saído o retrato parece o mesmo: a velha Ilha da Saudade que nos criou e fez crescer aptos a lutar pela vida, em busca de novos rumos. Resvalamos nas ruas, escorregando no lodo das escadarias, como a água da chuva farta pelo meio-fio, lugares que o passado tinha deixado incólume.

Aos poucos reconhecemos os becos, escadarias, casarões, prédios que eram outra coisa, fontes onde matávamos a sede depois das correrias. Buscando o mesmo palco daqueles tempos, descansamos na praça, sob pés de fícus tão velhos, tão velhos, que a idade se perdia. As árvores altas fechavam as copas, sombreavam a praça, dando ao ambiente um tom de entardecer. Centenas de passarinhos, pipiras, bem-te-vis, andorinhas e tico-ticos trinavam e pipilavam com sonoridade ensurdecidora. No lado à esquerda da rua, casas antigas e azulejadas se alinhavam como irmãs.

O som do piano vinha do casarão cor-de-rosa, varava as frestas da janela e ia fazer coro com o canto dos passarinhos. As notas diminuía de intensidade, quando chegamos na Igreja. Ouvíamos vozes afinadíssimas, acompanhadas de violinos e órgão, do harmonioso coral. Deve ser por isso que os passarinhos, acompanhados por pianos, violinos e corais, cantam com tanta disposição e beleza.

O sol já saía do pino do meio-dia, mas atirava ainda brilho e luz sobre os casarões tombados, pintados e reformados com as características originais. Ao longe o aclave da ladeira aumenta, telhados imitam os arrozais em vastidão, até perder de vista.

Entre os quarteirões, as torres das igrejas e dos conventos, badalavam os sinos de bronze.

Walter reconhecia o telhadeiral, as calhas azulejadas, os ninhos de aves, as ervas que brotavam de sementes levadas por passarinhos, me apontava coisas que só ele via. Ali a lei dos trópicos falava mais alta. De repente, sem aviso nem trovões, nuvens pesadas surgiam deixando o rastro da chuva farta. A água banha os telhados e jorra volumosamente para o chão, descendo as ruas e ladeiras em correnteza. Pelo semblante vi que Walter remordia lembranças, os tempos da pele morena queimada pelo sol, do cabelo liso arrepiado sempre esvoaçando ao vento. O olhar vivo e inquieto, os vincos na boca marcando o sorriso permanente: naquele momento éramos crianças de novo.

As colinas da Ilha da Saudade apontavam longe, no fundo da paisagem, cobertas de casas luxuosas. Aonde a mata silvestre começava hoje tem avenidas, casas populares, bairros novos, shoppings, supermercados, comércio. Os riachos que transbordavam durante o inverno foram aterrados e sobre eles construíram pontes e estradas asfaltadas. As avenidas litorâneas acompanham as praias, a perder de vista, formando um colar em torno da Ilha da Saudade. A mata se tingiu de verde-escuro, uliginosa, a atmosfera bastante úmida. Buscávamos os rios dos tempos de moleque e depois de viajar dez minutos alcançamos o riacho, mas não a nascente.

Fomos acompanhando o regato e a trilha se tornou mais aberta na mata, mas continuava estreita nos pés, o que nos obrigou a largar o carro e andar em fila indiana. Mais para dentro, emburacamos numa trilha de um só pé, Walter na frente e eu seguindo-lhe os passos. Uma orquestra de passarinhos, de sapos, de rãs e de grilos ditava o ritmo. O burburinho do regato descendo pelas pedras era a música que nos empurrava para frente, diminuía o cansaço, dava coragem para prosseguir sem esmorecer.

Mais uns minutos se passaram e foi o tempo que demorou a chegar. A nascente do rio era na verdade uma lagoinha, cerca de cinqüenta metros de circunferência irregular. A mata fechava-se, copada, transformando o lugar num santuário escondido do resto da Ilha da Saudade.

O rio nascia entre as árvores e juçaraís, as raízes se entrecruzavam sob a água. Walter tirou a camisa e pulou na água e deve ter se sido maravilhoso, estávamos cansados da caminhada e encharcados de suor. Olhou para mim, esperando que eu mergulhasse também. Não decepcionei, tirei a roupa e mergulhei de cuecas mesmo. O frio natural da água me restaurou de toda canseira.

– Vou te mostrar o segredo que tenho desde moleque, disse ele.

Todos nós temos nossos segredos de infância e juventude. Principalmente os de cunho sexual. Mas o que Walter guardava com tanto orgulho era o segredo da natureza. Uma coisa que freqüentou nossas andanças pelos matos virgens da Ilha. Hoje se pode rir de tudo isso, mas na época era coisa de amante. Por isso, segui o itinerário de Walter, mergulhando, nadando, evitando raízes e troncos. O local era uma piscina natural, seguro, majestoso, oferecendo banho farto e mergulhos saborosos.

A água estava fria, mas suportável, à profundidade de dois ou três metros via-se claramente o fundo do rio. Walter mostrou, com gestos empolgados, a água surgindo do fundo em grandes borbulhas, formando nuvens de poeira na areia branca. o milagre que poucos já viram na vida: a nascente de água mineral, o orgulhoso segredo de Walter. Fez questão de me mostrar o local exato da fonte. Uma portentosa, veracíssima, maravilhosa nascente, como nunca tinha visto na vida!

Paisagem de cinema, melhor, de *cinemascope*. Os raios de sol atravessavam a mata, reboavam nas folhagens em miríades de pérolas brancas. Depois de alguns mergulhos, sentei num tronco para descansar, mas Walter não parou, exibia juventude incansável e insaciável, enchendo o ambiente com vastas gargalhadas. Parecia não querer mais sair daquelas águas, mergulhava e sumia, afundava e reaparecia em lugares inesperados. Brincava.

A tarde caía. A luz do sol entrava em diagonal, inundando tudo com raios sacros. Quando começou a escurecer (sob a pesada copa das árvores escurece rapidamente), Walter finalmente saiu da água, o corpo tiritando de frio, os lábios roxos. As gotinhas de chuva fina atravessavam as palmas para respingar na gente, como se fosse um batismo natural, água benta aspergida pela mão invisível da natureza.

Arrumamos a tralha, exaustos, molhados, água correndo dos cabelos pela camisa e deixamos aquele santuário da natureza em religioso silêncio. Chegamos ao começo do fim, ou ao fim do começo, ou ao começo do começo, sei lá, talvez tenhamos chegado mesmo é ao fim do fim...

Que importa agora nossos corpos molhados? Quem se importa com os cemitérios quando se tem a natureza como abrigo? Há aqueles que pensam que a simpatia se faz entre almas gêmeas. Mas não é sempre assim. Principalmente quando estamos bem próximos do começo do fim, ou ao fim do começo, ou ao começo do começo, sei lá, talvez tenhamos chegado mesmo é ao fim do fim...

Que importa a chuva que encharca nossos corpos e alegra nossas almas?

MARÉ DE VIDA

*“Não pode haver amizade entre homem e mulher.
Pode haver paixão, hostilidade, adoração, amor – amizade, nunca.”*
(Oscar Wilde)

A VILA DE PESCADORES de Mangue Seco tem esse nome porque a areia fina e cortante trazida pela ventania costuma pentear as folhas das palmeiras, formando nelas uma cabeleira estilo *afro*. A areia em seguida avança ferozmente sobre o manguezal, sufocando, matando, deixando as raízes das árvores totalmente secas, transformadas em figuras pré-históricas, fantasmas horripilantes que nem a imaginação fértil de um escultor poderia imaginar. O motor da picape que Daniel dirigia resmungou avançando aceleradamente nas ruas desertas da vila. O carburador soluça, o cano de descarga tosse, o acelerador geme, todo o veículo palpita a cadência diferente como se fosse o velho e meigo coração se despedindo emocionado da paisagem.

Anoitece, a viração transforma o que resta do fulgor em leve ardência de sangue que se funde com o horizonte, sabe-se lá em quais lonjuras. Ele inventou a correria para fingir que tem pressa. Ao pensar que vai a algum lugar, obriga a picape saltitar como peixe na corredeira, levantando da piçarra nua a poeira esbranquiçada. O pó emaranhado e confundido com a vasa que vem da praia se transforma em essência que rasga o manguezal e se entranha na noite, na pele, nas almas, nas pessoas.

Mas na verdade ele morre de amores e de saudades de Gardênia...

Daniel ligou o rádio do carro esperando sufocar com a música outros sons que se confundem com os ruídos corporais. Ele mesmo é uma coisa qualquer, ambulante e inquieta, cheia de sensações, dores, gemidos. [O cantor jamaicano Derrick Harriott com sua voz exultante recicla *"Be True"*, um reggae da década dos '60 tão antigo como a dor de deixar alguém.] A nuca de Daniel dói a dor funda, o braço esquerdo acusa adormecimento repentino, o peito espreme o coração como um tirador de sucos, afloram as mais estranhas memórias de enfartes, taquicardias, palpitações, morte. Do jeito que está, pensou, nem mesmo o cardiologista mais famoso, com toda a medicação prescrita e seguida à risca poderia salvá-lo.

As luzes do Aeroporto, luminosas como as estrelas que socorrem na solidão do mar os pescadores, surgem salvadoras, capazes de evitar o colapso de Daniel. E podem, afinal, alavancar com seu farol as asas brilhantes do avião rumo ao espaço, mar de estrelas que engole tudo quanto for comoção. Daniel diz adeus à vila de seu primeiro amor.

DEPOIS DE UM BANHO na cacimba ao jorro da água fresca que cai de uma cuia à luz das estrelas, Gardênia enrola o corpo na canga estilo *rasta* e segue para casa. Na escuridão, o passo em falso foi suficiente para fazer o pé resvalar nos degraus do destino, torcendo o tornozelo. E ocasionalmente aparecer – como realmente foi – um desconhecido para massagear o pé machucado, ouvir estórias bem sucedidas, felizes, trocar frases de efeito, ilusórias, das muitas que guardou com o aprendizado oriental. Foi assim que se conheceram: o resto era teatro de camêlo, música de cantor de

bolero, de quem finge apaixonamento repentino. Sabe? Como as almas conectam os pólos positivos.

As frases serpenteiam bonitas pelo pensamento. Daniel e Gardênia caminham juntos em busca de respostas, procurando desesperadamente um farol, algo que os guiasse para a luz, na noite de pecadores. E assim foi. O casal de namorados diz frases que só têm valência para quem precisa e para ouvi-las silencia tudo. Tipo assim como religião, uma reza ou oração. Cala até o ruído exterior, coral formado pelo som da gritaria, para que Daniel possa gravar a voz de Gardênia nalgum canto do coração e da mente. Só assim funcionam as frases de quem se enamora do amor – de outro modo, acabam se transformando em galhofa.

O frio da noite cruza as roupas leves de Gardênia e arrepia seu corpo. Ele acolheu os pés debaixo da camisa de malha para aquecê-los junto ao peito. Os pés criaram nova vida, agradecidos, acariciaram o tórax, o mamilo direito, deixando os pelos do corpo e as coisas mais eriçadas. Ele gosta, ela gosta. Tudo foi mudando, tudo então virou brincadeira, tudo se transforma em irmandade, união alegre e logo se travestiu em tempero erótico, cheiro do peixe assado na brasa. Sabe aquela história de amor à primeira vista?

Na noite escura outra vez o farol da barra gira continuamente. Sob a sua luz salvadora, o casal rasga latas de cervejas, se acaricia à exaustão, brinda com taças de vinho, o prazer de ter-se conhecido. A luz do farol focaliza o grito cadenciado e envolvente dos regueiros, exhibe o destaque, o jeito saliente dos passos, as cinturas, os seios, os quadris tirados do ritmo, meio chegados entre a dança-do-ventre árabe e o tambor-de-crioula africano.

Num átimo o cabelo de Gardênia voou na noite e ela sumiu. Como estrela cadente. Nem ela está mais ali sentada na cadeira ao lado nem os pés precisam de calor dele nem a fala macia soluça necessidades nem precisa mais ouvir histórias das mil e uma noites nem o riso valente e libertário ecoa na gargalhada vistosa. Gardênia sumiu como tinha aparecido, tipo gata borralheira.

Ela não está mais ali, ficou somente o cheiro do corpo todo, ardido como pimenta, sufocante como o cheiro de amêndoa doce. Para Daniel aquilo era o inferno. Em tudo, em tudo, em tudo ele sente exalar o peculiar cheiro de Gardênia. No altar sagrado, na quebrada das ondas, na areia da praia, na distância, até mesmo no mar, persiste o sentimento perene do odor. Aroma, perfume, fragrância, essência, olor, cabelos, lábios, olhos, nariz, seios, umbigo.

Em tudo, em tudo exala o cheiro de óleo de amêndoa doce que Gardênia usa. Na distância, na dormência, na constância, mesmo nas coxas, no sexo, mesmo nas nádegas, sobrevive a percepção eterna do frescor de Gardênia.

A luz insistente do cheiro de maresia finge demonstrar ao navegante que é regaço tranqüilo a baía formada pelas ondas traiçoeiras, mas acolhedoras do delta das coxas dela.

Sem ela Daniel flutua no mar sem salva-vidas...

O CORPO DE GARDÊNIA RELUZIA na noite, entre os lençóis verdes das ondas do mar. O som era o mar. O ardor era a vasa. O ritmo de vai-e-vem era as ondas que vinham parir na areia. E enquanto as nuvens cinzentas sobrevoaram a praia em volta deles tudo era morno e gris. E nenhum dos dois sentiu vontade de saber se o sol ia aparecer para tirá-los daquele calor. O cheiro de amêndoa doce guiava o caminhante para a presa favorita. Igual animal noturno, Daniel fareja os poros doces e dali tira sustento para mais um dia.

Nada de pressa, nada de prisão, nada de dominação a não ser aquela que liberta e dá asas para voar como a águia caçadora que vai e vem ensinada pelos Mestres Caçadores. O cheiro de amêndoa doce traduz ao amante ternura e contentamento. Antes de ser agressor era agredido, antes de ser senhor era escravo, antes de ser mestre era aprendiz. E na contínua guerra de carinhos sobrevivem as carícias espontâneas de Gardênia, indicando ao caminhante o roteiro de gozo e prazer. Sempre farol, nunca escuridão. O cheiro de amêndoa doce tira o apetite pelas coisas banais e frívolas como um raro pôr-do-sol qualquer, mesmo que o sol fosse o sol dourado de Van Gogh sobre o vale de girassóis dourados.

E a maré vem e a maré volta, surfistas flutuam sobre as ondas em busca da melhor para lançar-se e alcançar as manobras radicais, adivinhando o êxtase para o qual estão preparados espiritualmente. O supremo prazer aqui é trazido pelo cheiro de amêndoa doce mesclado ao suor dos corpos de Gardênia e Daniel entrelaçados. A pele dos corpos grudados reluz e torna mais clara a negrura do quarto, o lençol mais alvo. Como repentino luar vara as cortinas e banha de luz difusa os dois surfistas, que não precisam de pranchas, não carecem de água, não flutuam sobre ondas verdes nem voejam no sonho de campeonatos mundiais.

No entanto múltiplos eles são tudo isso, por conta do cheiro de amêndoa doce que incensa o ambiente com a mesmíssima intensidade estonteante de gozo e prazer das tendas de fumadores de haxixe. E quando o tempo esquecer de tudo e deslembrar até de passar, quando as radiolas de reggae calarem os decibéis, quando os tonéis e vidros de óleo de amêndoa doce esgotarem seus mananciais, quando, até mesmo, as odaliscas deixarem de colear a dança-do-ventre, é hora de Gardênia reaparecer.

De fato ela pegou carona no anjo de aço e atravessou de noite os cinco mil quilômetros que os separavam em busca do manancial de palavras, agora não tão ricas em saberes, vazias de ilusões, sem nenhuns poderes de persuasão. E retornou aos braços do verdadeiro amante. Mas não havia mudado o encanto mágico que os uniu na primeira noite? Os olhos de Gardênia luziam de verde. Daniel chorou porque seus lábios ainda se compreendiam, mesmo sem palavras. Quando seus corpos de novo se uniram o que estava em jogo não era nada irreal, mas o líquido finíssimo e perfumado do óleo de amêndoa doce.

E de novo escolheram a vila de pescadores, a solidão da noite e o ruído sinfônico das ondas do mar se lascando na areia da praia. Buscaram a poesia dos sons emitidos em surdina, dos gemidos que todos entendem, os violentos e carinhosos arranhões, dos intermináveis beijos que premiam roxos medalhões, os desfalecimentos temerosos, que deixam a nuca doendo a dor profunda.

Daniel esqueceu a dor do braço direito, não gemeu na dormência demorada nem lembrou o peito mais tenso que rolo de aço. Largou o pobre coração comprimido tremendo como britadeira, dominou as trágicas histórias de taquicardias e palpitações, desdenhou dos colapsos fatais, legou para o cinema e TV toda aquela maquinaria cheia de monitores, tubos, unidades hiper-modernas de UTI. Com Gardênia a seu lado ele pode prolongar ou salvar a estranha e comovida existência, acomodada e pré-programada para viver apenas cinqüenta e sete anos de vida cigana e atribulada.

É neste exato momento que se inicia uma nova estória de amor. Não é a continuação daquela ocorrida na vila de pescadores de Mangue Seco, é a estória de um casal apaixonado que por ninguém jamais será contada. Porque o amor está fora de moda.

SOLIDÃO

“Quem quiser ir às estrelas não busque companhia”.
(Friedrich Hebbel)

Quando conheci Adélia e vi brotar em mim a intenção de casar com ela, estava numa fase religiosa muito oriental. O mundo da espiritualidade chinesa se abria para mim. Dava os passos iniciais para aprender a jogar as varinhas do Yi-king depois de haver desvendado um pouco os segredos das cartas mágicas do Tarô Cigano, fazia momentos de meditação, lia – para contrabalançar – Gandhi e Krishnamurti.

Hoje aqui sentado à beira do mar, vendo crianças jogando peteca na areia da praia, fitando o horizonte, sem me dar conta do céu remexido por nuvens chuvosas, começo a pesar o imenso desastre que causa a falta de Adélia.

Nunca pensei que a ausência dela fosse se tornar assim quase insuportável, nunca pensei que a partida de um ser humano e a solidão dela decorrente fosse provocar uma catástrofe não apenas emocional, mas metafísica, espírita, incapaz de me fazer compreender o significado da palavra partida, da palavra ausência.

Será esse um sentimento daqueles do qual não nos consolamos jamais?

O Aterro do Flamengo estava sendo construído. Caminhões caçamba passavam o dia trazendo terra e pedras removidas do morro de Santo Antônio. As enormes pás mecânicas bufavam fumaça do óleo diesel arrumando aquela tralha para ser jogada no mar, operários suados, o mestre de obra, plantas nas mãos, berrava ordens. Eu e Adélia ficávamos perto do Museu de Arte Moderna, onde a obra estava terminada, o capim dava sinais de vida, namorando a silhueta do Pão de Açúcar, vivendo a faina, estimulando desejos, pensando que a vida seria desgraciosa se fôssemos vivê-la separados.

Nem tudo era simples, alguns tempos eu andei sentindo insegurança a respeito da união com Adélia e fiz as experiências do jogo várias vezes, mas o Yi-king sempre me colocava longe dela com respostas determinantes – significativas ou não, apesar de que nada me demovia da dúvida: esse oráculo chinês, cuja origem remonta a 4.000 aC, seria capaz de promover a ligação entre fatos psíquicos e físicos? Mas o resultado do hexagrama era sempre o mesmo: “A mulher é poderosa, não se deve casar com uma mulher assim”.

Sempre dizem que a própria existência em sua natureza será forte o suficiente para rebater esse desconforto que parece se eternizar em mim, eu sei, a vida tem segredos para assegurar ao ser humano, mesmo que de forma miraculosa, uma substituição, um refúgio, uma fuga – seja que nome queira dar, para que a existência se refaça enorme, grata, pujante. Recomeçar, recomeçar – eis a palavra de ordem da vida.

Não, não era o caso de ter complexo, nem medo do poder e da influência materna, uma segunda mãe dominadora, o que me preocupava era casar desastrosamente, uma união que fosse obrigado a detonar em pouco tempo, como

muitos exemplos me passavam pela frente, era aquele eco, mentalmente repetido: “Não se deve casar com uma mulher assim. Não se deve casar com uma mulher assim. Não se deve casar com uma mulher assim”.

Apesar de tudo, os planos começaram a se realizar sem que percebêssemos, coisa simples como alugar apartamento, comprar móveis, montar enfim um lugar que fosse o nosso jeito de ver a vida a dois, a nossa cara e em conseqüência foi muito natural o dia em que também os objetos mais chegados fossem sendo transferidos para o novo endereço e mais normal ainda o dia em que dormimos juntos, sentindo a sensação de estarmos enfim sós numa ilha deserta.

Toda a nossa vida é pontuada de mortes de entes queridos, de partidas das pessoas que amamos, cada qual comportando uma dose exagerada de grandes sofrimentos, mas ainda acreditamos religiosamente que mais vale suportar todo o tropeço sofrido do que lastimar para sempre o fato de não ter conhecido a presença dessas pessoas quando elas existiam. As pessoas que amamos nos valem muito mesmo ausentes.

Em pouco tempo estávamos quase cem por cento no novo endereço, mas fazíamos ainda aquela cena de morar cada qual com a sua família (na verdade a idéia era morar os dois juntos, mas um dia – quando a situação permitisse – faríamos o casamento religioso, com direito convite, igreja, álbum de fotografia, vídeo, festinha, etc.), coisa que todos percebiam, mas aceitavam porque era tão visível o quanto eu e Adélia nos dávamos bem.

A verdade é que o tempo passa sem que percebamos, quando uma situação de harmonia se estabelece igual à nossa, cercados de ótimos espíritos, pessoas que nos amam elaboram uma cumplicidade ampla, sem restrições, não se denuncia nenhuma tragédia, nenhuma alteração orgânica, a natureza que não vive ameaçada por tornados, furacões, tempestades, o tempo flui destelhado, a casa se compõe com uma aura azul, feliz, acompanha-nos a sensação religiosa de bem estar como se o próprio Paraíso transferisse seus desígnios para o local, assim passa o tempo inaudível como um templo budista silencioso e calmo.

Eu e Adélia vivemos assim, não interessa saber por quantos anos, até que ficou subitamente enferma, em três dias foi hospitalizada, descobriu-se que era portadora de vírus violentíssimo, desses que acometem uma pessoa a cada cem milhões, como dizer, sem deixar-nos respirar nem raciocinar sobre o que estava ocorrendo, em quatro dias ficou inconsolável, enfraquecida ao extremo, pronta para morrer, sem dar tempo de rezar, de pedir o milagre, sem dar tempo de assumir a consciência do problema, mesmo que não pudéssemos encontrar solução, sem dar tempo à esperança.

Assim, se ficamos a sós com os espíritos, as fotografias, os escritos, os quadros que nos repassam na mente como filmes antigos, a verdade é que o mundo pessoal se reconstitui por si mesmo, apesar de sabermos que nem mesmo o Universo dura para sempre. Mas a distância das coisas humanas é bem mais finita que a grandeza do espaço einsteiniano, habitamos o inexplorado para sempre inexplorável, terreno onde não se deve penetrar nem se pode forçar – o domínio que não aceita a intervenção

humana quando somos chamados, quando a vida e a morte nos tomam firme e ternamente pela mão.

Um dia antes da sua morte, deitado na cama, estava para dormir ajudado por um comprimido, já naquela hora que flutuamos entre a luz e o sono, que não estamos mais em vigília nem nos afundamos no sono profundo, tive uma visão que me manteve imaginando estar acordado: ao lado da cama um velho monge chinês vestido com uma bata azul marinho, braços cruzados dentro das mangas, inclinou-se profundamente como me transmitindo uma mensagem. No momento em que seus olhos cintilaram em luz, encontrei a hora da paz e da tranqüilidade, dormi profundamente até ser acordado no dia seguinte para o enterro de Adélia.

Morre cedo aquele que é amado pelos deuses.

Muito tempo passou (intimamente acho que nunca passa), para que eu completasse a desencarnação de Adélia, para que fosse capaz de reconhecer que ela estava em outro mundo e que eu deveria tocar a vida sem ela para sempre. O sonho que me perseguia mais renitente era o que me fazia recordar o lugar em que ficávamos namorando perto do MAM, sentado nas pedras do Aterro, conversando, rindo, nos abraçando e beijando. O detalhe fora da realidade – que eu não compreendia – é que Adélia e eu não estávamos só namorando, mas também com o caniço nas mãos tentando pescar alguma coisa.

Na disciplina religiosa tibetana o noviço se retira do isolamento, por um ano às vezes, para aprender a criar em espírito, peça por peça, o personagem divino, protetor. Depois sai e seu protetor o acompanha sem perder de vista apesar das distrações do mundo. Em seguida ele volta à sua cela e desfaz-se, peça por peça, do personagem que criou e volta ao absoluto, sem forma. E isso vale para todos nós.

O BAR RIGA FECHA AS PORTAS

*“O sol nasce e se põe e torna ao lugar de onde partiu;
e renascendo aí faz o seu giro pelo meio-dia
e depois se dobra para o Norte.”*
(Eclesiastes 1-5,6)

O homem carrega sempre dentro de si mitos, mistérios e magias, coisas tais com tantos nomes que seria chato enumerar. A eternidade do homem é infinita. Pode ser paradoxal dizer isso, mas, graças à eternidade, podemos fazer milhares de conjeturas sobre nós mesmos e ainda conviver com toneladas de mistérios em nossas vidas sem tentar solucioná-los.

Uns tempos atrás, como todo ser humano, andei querendo saber de tudo sobre todas as coisas. Mergulhei sem método em todas as religiões e filosofias orientais, ocidentais, daqui e além. Um dia, porém descobri que gastaria várias vidas para alcançar o Nirvana – cumprir o meu Karma – que não valeria a pena alcançá-lo nem me transformar num monge eremita, se não me fosse dada a alegria de dividir tudo com os demais. Não, não vale a pena...

Por mais que a ciência e o misticismo avancem nenhum supera o outro: normalmente ficam se digladiando, engasgados em teorias sobre a mesma coisa. Chegamos enfim ao limite institucional de todas as discussões onde, parece, não existe jeito de avançar. Estancamos entre Deus e o Big Bang, figuras tão próximas e tão distantes que remontam a bilhões de anos em espaço e dimensão que só a fé e a teoria podem transitar. Algum ecumênico ao extremo poderia afirmar que, sim, o Universo nasceu de um Big Bang... provocado por Deus!

Escolhi então, com muita alegria, viver às custas do Nirvana dos outros...

Acho que se pode ter a mesma satisfação em ganhar e perder amigos. Aliás, para falar a verdade, nunca senti a sensação de ter perdido amigos, apesar de ter acompanhado muitos ao cemitério. Mas assim que passa aquela sensação triste que se tem nos enterros começo a sentir de novo a presença do amigo a meu lado, como se tivesse retornando da voltinha que deu para comprar cigarro na esquina.

Só tenho o trabalho de mantê-lo ali, distraíndo-o com conversas fiadas, para que não ache desculpa de ir-se. E eles – verdade – ficam por aí amontoados em torno de mim, um tentando ser mais importante do que outro, num assédio agradável que em absoluto não me perturba. Nunca deixe o amigo pensar que está sendo chato: amigo jamais chateia amigo.

Desde então tenho comigo que, na verdade, os amigos que a gente ganhou jamais perde: também na amizade há algo de eterno.

Um dia pensei em botar ordem nesse movimento caótico, mas sou tão desorganizado quanto eles. Jamais poderia colocá-los, digamos, numa organização, tempo e espaço cronológicos, nem poderia falar de maneira tão literária que valesse a

pena dizer a mais pessoas como gosto de lembrar meus amigos. Enfim, é uma coisa que me tenta e que também teria gosto de fazer, mas não sei como realizar.

De alguns deles nem teria como iniciar a conversa. Saí da minha terra e eles ficaram por lá. Esse deslocamento físico por pouco não se transforma em separação espiritual, mas quase. Todos começamos a ser atropelados pela máquina do tempo: acidentes, doenças, vidas atribuladas.

As notícias escasseiam e quando surgiu, enfim, a oportunidade de reencontro muitos tinham morrido sem dar a chance de pegá-los pelo braço e mantê-los colados a mim, como faço com os outros, com pena de que se fossem de vez. Para encontrá-los agora fica difícil – estão por aí vagando no mundo, pelas calçadas, becos, tomando bebidas, cheios de saudade.

Do Luiz Barriga eu me lembro. Nossa amizade nasceu em porta de botequim. Éramos conterrâneos e contemporâneos, mas curiosamente não nos conhecemos na juventude. Viemos nos conhecer no *Bar Riga* (o nome diz tudo), de propriedade dele, ele do lado de dentro e eu no balcão bebericando algum veneno alcoólico. Luiz tratou logo de me seduzir com a meladinha que fazia à base de cachaça, limão e mel, em doses que só ele sabia medir.

Colocava os ingredientes no copo longo e batia com talo de goiabeira, cuja extremidade se tripartia tipo pé de galinha, como se fosse a hélice da batadeira. Metia o talo entre as mãos e mexia vigorosamente até a mistura se tornar homogênea, de forma que ao paladar desaparecia o sabor da cachaça, do limão e do mel, para dar lugar a uma bebida de gostinho ácido, diferente.

Além desse aperitivo (e de uma batida de maracujá de primeira), Luiz Barriga mantinha um estoque de cachaça com ervas, raízes e cascas, medicina para todos os males. As vezes eu chegava reclamando do estômago, fígado, vesícula, essas coisas, a receita infalível era o tal de *Pau Pereira*, cujo gosto era muito amargo – mais amargo que a coisa mais amarga que se possa imaginar. Eu só agüentava beber aquele *remédio* tomando a dose de uma talagada só.

O passado de Luiz Barriga coincidia com o meu em algumas travessias, pois tínhamos a mesma idade. Estudamos nos mesmos colégios, fomos nos apresentar ao serviço militar na mesma época. Só que ele foi ser fuzileiro naval e eu nem as armas servi, fui considerado incapaz. O serviço de fuzileiro dele se misturou com o golpe militar de 1964, a revolução. Aproveitamos o encontro para falar daquele tempo tumultuado das assembléias dos marinheiros, das greves, de João Goulart, do Comandante Aragão e claro do cabo Anselmo, divisor de discussões, como igreja, futebol e política.

Do cabo concordamos numa coisa: traidor ou traído, ele era um canalha, não beberia jamais em nossa companhia. Luiz Barriga conhecia muita coisa, mas nunca deixamos que a discussão fosse um limite à nossa amizade. Por isso muita conversa terminava em reticência, que ninguém procurava eliminar. Luiz Barriga saiu dos fuzileiros para o bar, na distância da terra natal, casou, teve filhos. Nordeste nunca mais.

Os botequins têm sua particularidade. No *Bar Riga* tinha a mesa que era coletiva. Todos os dias repousavam nela um jornal, um cinzeiro, uma garrafa de pinga sem rótulo ou a revista semanal. Um dia estava pousado o jornal O Globo. Na página de obituários uma notícia chamava a atenção de todos, mesmo porque já estava marcada com um círculo à caneta vermelha. Pelo tipo de notícia, que adotamos para nós, depois o recorte do jornal acabou virando quadro emoldurado, pendurado em lugar nobre.

Dizia a nota fúnebre:

Os Botequins Fecharam

Morreu o Cavaleiro da Ordem da Garrafa

O Soho amanheceu de luto. O grande bairro boêmio de Londres chorava a morte de seu personagem mais popular, o rei dos boêmios, Cavaleiro da Ordem da Garrafa, Timothy Cotter, o *Rosie*, amigo das crianças, respeitador de senhoras, profissão: alcoólatra. *Rosie* morreu anteontem à noite, num xadrez de Brixton, aonde fora recolhido por bebedeira e de onde não saíra por não ter dinheiro para pagar as 5 libras da fiança.

Com 54 anos, *Rosie* vivia há 25 anos no Soho, notabilizando-se por suas danças e canções extravagantes, com que divertia os demais boêmios, em troca de alguns goles. Alimentava-se de restos dos restaurantes e das barracas do mercado.

Ontem, quando o mercado abriu, chegou a notícia da sua morte. Todos os botequins fecharam as suas portas.

Começou a romaria à morgue. Choravam boêmios e mundanas. Houve um princípio de tumulto quando um funcionário informou que Cotter seria sepultado como indigente.

“Não deixaremos que façam isso com o velho *Rosie*” o brado partiu de Jack Hardiman, vendedor de furtas no mercado. Imediatamente foi iniciada uma coleta, que rendeu 230 libras. O proprietário de uma casa funerária, também amigo de *Rosie*, aceitou a importância como pagamento do funeral, que fez questão que fosse de luxo.

No instante que líamos a notícia do O Globo de 22-05-1970, eu, Luiz Barriga, Luizinho INPS, Bete Engov, Walter Mug, Jorge Cana, Pudim de Cachaça, João Bala e mais uma dezena de biriteiros contumazes, que estavam no bar mais os que iam chegando, resolvemos fundar – em pleno Baixo Cachambi – a Confraria da Ordem da Garrafa, instituindo simultaneamente, o título de nobreza *Cavaleiro da Ordem da Garrafa* e a medalha *Timothy Rosie Cotter*, em homenagem ao bebum falecido naquela data no Soho, Londres, Inglaterra.

Para consolidar a Confraria deixamos permanentemente aberta a lista de adesões que dentro de alguns meses já contava com centenas de assinaturas. É claro que além do Livro de Adesões não existia prêmio nenhum nem medalha. Uma única vez um *confrade* mais animado confeccionou o modelo de Diploma a ser distribuído, mas a idéia não vingou além de uma cervejada. Então a coisa que começou assim de brincadeira foi crescendo, correndo mundo de boca em boca, a ponto de merecer contra notícia do O Globo, igualmente emoldurada e exposta ao lado da reportagem original.

Muita gente foi atraída para o *Bar Riga* por esse fato, coisa que freqüentadores antigos começaram a reclamar, tanta era a intrusão e confusão provocada por gente de fora. Mas o negócio do Luiz era esse e mesmo com ciúmes nos alegrávamos que prosperasse em seu domínio, na sua alegria. Durante muito tempo todos os clientes novos do Luiz Barriga eram obrigados a formalizar a adesão à Ordem. Hoje o movimento só existe na lembrança dos sobreviventes...

Botequim no Cachambi Funda
A Confraria da Ordem da Garrafa
Para homenagear o Soho, grande bairro boêmio de Londres, os freqüentadores do Bar Riga, localizado no bairro do Cachambi, fundaram a Confraria da Ordem da Garrafa, em homenagem ao rei dos boêmios, Timothy Rosie Cotter, de profissão alcoólatra, falecido recentemente. No mesmo dia em que Rosie morreu num xadrez de Brixton, aonde fora recolhido por bebedeira, um grupo de freqüentadores do Bar Riga, liderados pelo proprietário Luiz Barriga, fundou a Confraria e inaugurou o Livro de Adesão da Confraria, cujas cinquenta páginas já se encontram quase que totalmente preenchidas. Foram criados igualmente, a Medalha Timothy Rosie Cotter e o Diploma de Membro da Confraria da Ordem da Garrafa em bonita impressão. A idéia foi tão bem recebida que o Bar Riga vem recebendo visitantes e adesões de todo o Brasil, tornando-se ponto de encontro dos boêmios daquele subúrbio carioca. O Bar Riga fica na Rua Miguel de Cervantes, entre os bairros do Méier e Maria da Graça e divide a preferência com o Bar Amendoeira, citados ambos no livro Botequins do Rio, pela qualidade das comidinhas e do chope servido.

Luiz Barriga – preciso explicar a razão do nome? – bem, com seus 1,90m de altura, ele simplesmente pesava mais de 200 kg! Bem diferente das fotografias do tempo que serviu na Marinha, musculoso, halterofilista, lutador de jiu-jitsu. Gostava, ele mesmo, de cozinhar e elaborar o cardápio do pequeno Bar. Os pratos eram *típicos*... da cabeça dele: Galo Velho, Vaca Atolada, Galinha Atropelada, Bode Manco, Boi no Pasto, além do tradicional Mocotó de Unha, Feijoada com Porcaria, Rabada Verde... Alguns tinham como tempero, além da pimenta, claro, cachaça ou cerveja. Quando eu ia comer lá, tinha que me resguardar durante alguns dias de comida pesada.

Eu costumava chegar no Bar falando alguma asneira em alta voz, gritando, em ritmo de provocação, coisas assim como: “*Luiz, minha mulher me traiu, fugiu com outro, levou os meus filhos e roubou todo o meu dinheiro!*” Ou: “*Luiz, estou de ressaca, ontem fiquei bêbado, briguei na rua, fui assaltado, fui preso depois atropelado por um ônibus, apanhei da mulher e fui expulso de casa!*”

A essas e outras provocações ele sempre respondia com uma vasta gargalhada: “*Então veio ao lugar certo: aqui que é lugar de corno!*”

Depois da intimidade Luiz Barriga extrapolava. Largava o bar com seus filhos e sentava à mesa, bebia todas as bebidas, se fartava das comidas e tudo que nos servia era compartilhado com o próprio. Mesmo depois que o *Bar Riga* fechava, permanecíamos lá dentro, as portas arriadas, para não ser incomodado por ninguém.

Nessa época eu andava viajando muito a trabalho e não tendo como acompanhar esse ritmo alucinado passei a evitar o *Bar Riga*. Quando voltei de uma dessas viagens tive a notícia que o Luiz Barriga havia morrido. Já passei lá no *Bar Riga* algumas vezes, conversei com seus filhos, mas não encontrei o Luiz Barriga, não senti a presença dele ao meu lado, nem quando pedi uma dose daquele horrroso *Pau Pereira*.

Onde você estiver eu brindo de coração:

– Saúde!...

ROSÁLIA ROMERO SOBE AOS CÉUS

“Almazinha errante e brincalhona, para onde irás agora, pálida, rígida, desnuda, sem os folguedos a que sempre estiveste habituada?”
(Adriano)

A última notícia que tive de Rosália Romero foi que morreu de cirrose. Aquilo me trouxe uma decepção meio grande porque refuguei os dois últimos convites que me fez para visitá-la. Agora ela era protestante e fazia questão de me ligar chamando para conhecer suas novas amigas. Sempre foi assim. Tinha uma facilidade imensa de fazer amizade com mulheres, para desfrutar o prazer de apresentá-las aos amigos. Amigos verdadeiros, os que – como eu – acompanharam-na por toda a vida. Por isso fiquei triste: faltou esse último contato, que ela tanto se empenhou em realizar. Espero que não tenha ficado decepcionada comigo. Aliás, espero que tenha se decepcionado mesmo, porque eu falhei miseravelmente. Miseravelmente falhei.

Isso não se faz a uma amiga como Rosália Romero. Era uma bela mulher, com seios enormes, que tiveram de ser operados algum tempo depois, quando os trinta anos já tinham passado. Depois de tirar o excesso, ficou toda orgulhosa, já sem complexo algum. Ao contrário, fazia questão de mostrar “os peitinhos de mocinha” que tinha adquirido após a cirurgia.

Existe uma discussão antiga sobre sexo e amizade. Uns dizem que não pode haver amizade com sexo. Outros dizem que o sexo acaba com qualquer relacionamento amigável. Mas alguns afirmam que sexo e amizade são não só compatíveis, como acham impossível existir um sem o outro. Já entre Rosália Romero e mim rolava tudo harmoniosamente.

Nossos primeiros contatos não foram exatamente por causa de sexo. Encontrei Rosália Romero com o namorado dela, num bar onde amigos se reuniam, depois do expediente, para ouvir música, conversar, tomar um uísque. O círculo de amizade crescia muito com essa fórmula, porque praticamente todos os dias nós nos encontrávamos, a partir das dezenove horas.

Fizemos amizade, eu, Rosália Romero e seu namorado, até que um dia ela estava sozinha. O caso terminou e eu estava ali para ouvir as primeiras queixas depois da separação. Nada que umas bebidinhas e a conversa fiada não diluísse rapidamente. Era outra particularidade daquelas reuniões. Todos os problemas eram esquecidos. A amizade era muito forte, calorosa, verdadeira terapia para problemas cotidianos. Um vinho, uma música, enfim, um encontro desejado – o quadro estava completo.

Com Rosália Romero, de princípio, não foi assim. Apenas ouvi, transmiti o calor necessário, as palavras certas. Ganhei a partir dali uma afeição profunda, uma amizade como nenhuma outra. No futuro, a nossa terapia era resolvida na cama, mas raramente, dependendo da disponibilidade de cada um – o que não era fácil. Nós dois andávamos, sempre como um par, eu principalmente, devido às pessoas que nos apresentávamos mutuamente. Tanto que, durante mais de trinta anos de amizade, só rolou sexo entre nós uma meia dúzia de vezes, coisa de se contar nos dedos...

Mesmo porque Rosália Romero vivia em constante movimento. Volta e meia me telefonava para comunicar o novo endereço, que inaugurava sempre com uma festa entre os amigos mais íntimos, que sempre eram muitos e acabavam por encher a casa. Ali também era motivo para fazer novas amizades, para rever os velhos amigos, que só se encontravam por obra e graça de Rosália Romero. Entre uma mudança e outra os meses se passavam. Quando nos reencontrávamos, era outra festa particular: Rosália Romero estava de namorado novo, com amigas novas, o que me obrigava a comparecer sozinho. Indesculpável mesmo era chegar lá sem um buquê de flores, sem um bombom, sem um uísque.

Volta e meia, por força do destino, a turma ia-se esfacelando aos poucos, gente viajando, se mudando para outro estado, partindo sem avisar, casando. Mas sob a batuta de Rosália Romero, havia sempre um novo reencontro, sempre havia um elo de ligação entre o antigo e o novo – quando não havia ela se encarregava de provocar. Era realmente uma pessoa com o dom de aglutinação terrível. Vivia, por isso, sempre cercada de muita gente. Às vezes, quando inventava de fazer-lhe alguma visita de surpresa, encontrava-a sozinha, ouvindo música, o copo de uísque à mão, o semblante um pouco amargo, que logo se dissipava com a minha presença.

Acho que uma das coisas que a amizade vale a pena é isso: a gente se sentir necessária, prestativa, estar presente na hora certa e incerta, demonstrar que é amigo com prazer, com gosto, de peito aberto. Nem todas as pessoas que Rosália Romero me apresentou chegaram a esse nível, mas pude tirar dali amigos proveitosos, cuja amizade – às vezes em curto espaço de tempo – sempre foi sólida.

Entre nós, porém, a coisa cresceu tanto, se universalizou de tal maneira que nos bastávamos um ao outro. Dava prazer ser amigo de Rosália Romero, dava prazer receber a amizade de Rosália Romero. Não é gostoso ser amigo de uma pessoa assim?

OS MORTOS ENTRE NÓS

*“Com olhar desdenhoso disseram os mortos:
pára de falar em deuses, demônios e almas.
No fundo, há muito já sabíamos disso.”*

C.G.Jung

– O que posso dizer? Nascer, viver e morrer, isso é o que sei, não pelas causas, mas pela constante experiência dos efeitos. Como todos os seres humanos, passei por fatos singulares. Viver, vivi como um troglodita, no bom sentido. Meio selvagem, mais largado às emoções e paixões, com calor. Como não se deve viver, diriam alguns. Mas o como e o porquê de tudo, o mistério das coisas, sempre estarão eternamente arraigados ao espírito imperscrutável do universo. A vida é curta, os dias passam rápido demais.

“Estamos aqui reunidos para nos despedir de Carlos. Pedimos a Deus, em Sua clemência, que receba sua alma cheia de bondade, espelho que foi para todos, enquanto esteve entre nós. Consiste a vida do homem viver entre amigos e irmãos, sem se sentir desgraçado por ter sido feliz. Foi este o legado de Carlos, que viveu entre nós, feliz e irmão”.

– Carlos, o simples fato de a gente pensar e falar já é um mistério, faz com que a comunicação seja um bem secreto. O homem não passa de um abismo, enigma maior do Universo, mistério que habita a natureza. Estamos cercados do fastidioso desconhecido, tudo que vemos e fazemos é misterioso. A curiosidade é um mal inquieto das coisas que não se pode conhecer, que nos obriga a ser o zeloso gênio que transforma o mundo na maravilhosa aventura que é viver.

“A sua virtude resplende neste momento em que dele nos despedimos. Infelizmente é verdade que o espetáculo do infortúnio alheio nos conforta. Por isso avançando na vida parecemos nos endurecer ao golpe do infortúnio. Não foi assim com a alma bendita de Carlos. Não lhe afetou o golpe da dor. A muitos sua companhia serviu de lenitivo”.

– Sempre me interessou o mistério do amor, que considero mais profundo que o segredo da morte. É temeridade querer conhecer os sentimentos, fazer da nossa fraquíssima mente juiz de tudo, chamarmos de vilão o supérfluo, as coisas não nos serve. Por não ter a curiosidade de conhecer as coisas ocultas, mas despertar o desejo de apreendê-las, os homens propendem mais facilmente a crer no que não compreendem.

“Carlos percorreu a existência descobrindo a todo instante novas perspectivas de vida. Mas o Deus, que em nós impera, proíbe que partamos sem o Seu consentimento. Assim foi com Carlos, que ocultou a sua fidelidade e intimidade com o bom Deus, em nome de um pretense ateísmo. Na realidade ele sempre rejeitou as doutrinas de arbítrio. Era um sensitivo, uma alma cristã, apesar de tudo”.

– Bem sei, amigo, as coisas obscuras e misteriosas exercem maior atração em nós do que é claro e fácil de compreender. Carlos, não há mistério, o que há é ignorância. O que é o milagre? Filho predileto da fé que sustenta o único e indestrutível milagre – a crença! Milagres existem para provar o poder de Deus. O inacreditável é que eles se realizam e têm sobre os corações o poder que a oração tem sobre as almas. És, agora, o próprio milagre, o próprio mistério.

“Tu creste, Carlos, porque jamais viste o coração insondável de Deus. Bem aventurados todos que não viram e creram. O homem acredita mais facilmente naquilo que não compreende. Coração de criança pela inclinação à amizade, haverás de ser lembrado, porque foste puro e reto. Quando eras menino – eu bem sei porque ungi teus lábios com o sal do batismo – falavas como menino. E depois, homem feito, tu jamais deixaste de mão as coisas de menino. Era adulto e criança em pureza”.

– A mente iluminada é o céu, mente negra é o inferno, pequenas feridas, pequeninas coisas. As grandes almas a tudo sobrevivem incólumes, nada tem a ver com a mente o que dela não faz parte. Para mim, nada há mais veloz nem mais feroz que a alma tranqüila na prosperidade, calma na adversidade. Frequentemente o corpo sobrevive à mente e a mente sobrevive ao corpo. Deve ser por isso que alma e corpo nunca morrem ao mesmo tempo. Por isso minhas noites eram iluminadas, mesmo que fosse com a lâmpada de Edison.

“Infeliz o homem no qual nada mais vive do menino, porque a existência não passa de uma longa e interminável infância. Terá o homem direito de dispor de sua própria vida ou cabe somente a Deus tirá-lo deste cativeiro terreno? Será o suicida um prisioneiro que foge da prisão antes de cumprir a pena a que foi condenado? Terá o espírito infantil canais de maldade que levam a esse intento? Amigos, lembrai do preceito:

amai uns aos outros, como Carlos nos amou.”

– Você bem sabe, meu amigo: jamais considere nada mais sagrado que a integridade da alma. Conhecer o coração para amar, conhecer a alma para ser amado, lembra? A força da alma é bem maior que a força do corpo. O inteligente é dono da sua alma, o ignorante dela é escravo. Nunca fomos iguais às pessoas que se sentem mais à vontade com a mentira do que com a verdade. Lembra, Carlos, ao descrever na alma nós mentimos e a mentira se confunde com a verdade.

“Dignai bom Deus, estender a misericórdia infinita sobre a alma de Carlos, para que nossa prece e sua piedade possam suavizar a amargura de seus sofrimentos, por não ter ele tido a coragem de esperar o fim de suas provas. Deus de misericórdia, não abandone jamais este amigo que acaba de deixar a Terra. Pedimos o Teu celestial perdão, porque aqui na Terra nós já o perdoamos. Senhor, tende piedade dele Senhor, tende piedade de nós”.

– Me irrita a ilusão boba. Muitos falam com os lábios e mentem com o coração. É a inverdade mais prejudicial e mais doentia, própria dos desesperados, que não podem fugir senão mentindo. Em geral nos limitamos a contar lorotas (temos que admitir a verdade cruel: o mundo é tolo, artificial, científico, calculista), sobre os males do mentiroso: não acreditar e não ser crido. Às vezes estimulava a solidão, achando-a mais sublime, mais completa. Depois me convertia à amizade, com um sentimento de existência maior, a existência humana.

“Tira a venda que lhe oculta a gravidade da descrença, para no arrependimento encontrar as graças que ora pedimos. Possa nossa prece reparar a alma diante dessa nova existência. Seria injusto colocar Carlos na categoria dos espíritos sofredores, arrependidos. Ele está entre os bons de coração. Pode ter sido fraco algum momento da existência, mas, Deus de Misericórdia, quem não o é? Se aceitas o arrependimento sincero, aceita também o testemunho ante uma grande alma”.

– Mas Carlos, nós ficamos a falar o que é fácil entender: a fantasia, o milagre, o céu, o inferno. Isso fazem os homens que nascem sinceros e morrem descrentes. Podemos acreditar que viver na mentira é um prazer ou um vício como qualquer outro: beber, namorar, comer, jogar, comemorar, aventurar-se. Mas a verdade mais crua nós guardamos no baú do silêncio. Quem tem coragem de afirmar que a origem dos crimes

contra a humanidade é a mentira dos políticos? Que esta não pode ser combatida, porque finge ser parte de uma verdade?

“Que em sua misericórdia infinita Deus estenda o manto generoso sobre ele. Afasta de nós o pensamento de nos entristecer com a morte, porque ele sempre foi alma alegre e risonha. Pedimos, Deus clemente, que sua bondade se amplie sobre todos os espíritos. Recomendamos nossas preces especialmente para a alma boníssima de Carlos”.

– Não sou nem nunca fui purista, mas se acredito no bem e no mal, também admito que o alvo do demo é simplesmente encantar, deliciar, proporcionar divertimento. A própria base da sociedade reside em iludir com a beleza, o erotismo, o prazer. Mas a mentira tem pernas curtas, é pobre de espírito. O esplendor da vida é ilusionista, o passar das gerações, viver a infância, a juventude, alcançar a maturidade desfrutando a luz da razão. As trevas da ignorância pesam toneladas sobre nossos ombros e a verdade, bela e pura, muitas vezes é preterida.

“Abri, bom Deus, o coração de Carlos ao arrependimento, ao desejo de se purificar, fazei-o compreender que, por seu esforço, será alegre o tempo de sua prova. Fazei luzir aos seus olhos o raio de esperança e que a divina luz ilumine a todos nós quanto às imperfeições que nos afastam da sua morada. Nós somos o espelho de outras almas...”

– O que sei é que foi uma grande sacanagem, Carlos, você ter se ido assim, sem mais nem menos, de repente. Afinal havíamos combinado passar a virada para o ano 2000 juntos, num porre formidável. Bebedeira de discussões filosóficas, esotéricas, carnavais, carnavais. Lembra que nossa filosofia sempre teve como ideologia a amizade? Tudo terminava no sorriso mais íntimo, no abraço, no até logo, nos planos para próximas encarnações. Aí vem você sem graça nenhuma se atracar a um enfarte, fingir um coma de uma semana – e deixar a gente na mão. Agora tenho de arranjar uma morena bonita para gastar o champanhe, o vinho, o chope.

“Se fazer o bem sem se exhibir, sem ostentação, é um grande mérito, esconder a mão que dá ainda é mais louvável aos olhos de Deus. É o sinal indiscutível de grande superioridade moral, porque é preciso se elevar acima da vida presente e se identificar com a vida futura. Carlos jamais mostrou a mão com que tudo doou com desprendimento. Deu mesmo a própria vida”.

– A soberba se mostra quando o homem quer saber toda a verdade, por isso estou ausente. Que ninguém se desespera, a continuação não é boa, mas estou melhor. Descobri, um pouco tarde, que todo homem é mentiroso, tão mentiroso que não se lembra das balelas que profere. Do ladrão nos livra a cadeia, do mentiroso nada nos livra, porque a mentira é impalpável e volátil, como os germes, os vírus das grandes epidemias, senhora do mundo, hábil, astuta, mascarada. Isso não é filosofia, é cultura popular.

“Deixa boníssimo Deus, Carlos entrar pela porta estreita, pois a porta da perdição é larga e o caminho que a ela conduz é espaçoso. Sabemos como a porta da vida é pequena, como o caminho que a ela conduz é estreito e como há poucos que a encontram. Não viemos a este mundo para fazer julgamento nem para exigir muito daquele que muito recebeu. A porta estreita é o caminho de Carlos”.

EU, IDO, E OS OUTROS EUS

“Pequeno e efêmero é o homem”.
(C.G.Jung)

Gostava mesmo era de ficar sentado na varanda. Vendo a gente que faz a cidade viver passar diante da casa. Conhecia quase todos pelo nome. E quando passava o padeiro, o quitandeiro, o carteiro, o gari, ficava murmurando o nome baixinho. Até o cachorro que vinha cagar no canteiro da vizinha eu conhecia. Dava-me um quilo de riso íntimo quando o danado vinha: chegava, mijava no meu poste (até deixava) e depois dava uma cagada monstruosa no canteiro da vizinha. Ela era tão chata que a safadeza do cachorro me dava acesso de riso, com dor de barriga. Bem feito! Na volta o cachorro passava perto de mim para receber um afago na cabeça, como paga: obrigado meu mano, por dar a cagada que eu gostaria tanto de dar. Antes de morrer, quem sabe criava coragem, no escuro da noite...

Estirava as pernas, doídas pelas varizes que se acumulam, sobre a almofada posta na cadeira, as canelas pretas do prejuízo que a má circulação trouxe. Quando todo mundo já tinha ido para o trabalho, eu, desempregado, sem aposentadoria, me dava o prazer de ficar tendo cuidados com meus livros. Graças a Deus que gostava de ler desde cedo, quando pirralho e roubava livros da biblioteca da escola. Hoje era o que me alegrava: ler Monteiro Lobato, Gonçalves Dias, Machado de Assis, ouvindo, música clássica, interpretada pelos velhos Artur Rubinstein, Jascha Heifetz, Pablo Casals – esses que já se foram, mas deixaram gravadas as belezas para gente ouvir. Tenho cá minhas humanidades...

Desse vício que peguei, graças à boa leitura, até já me atrevia escrever uns artigos e mandava para o jornal, sem assinar, sem nada. Algum saía publicado, outros eram porcaria mesmo, escritos na pressa de quem não tem método. Agora estava escrevendo poesia. De primeiro queria imitar J. G. de Araújo Jorge, Castro Alves e Fagundes Varela. Mas o Araújo Jorge tem muita rima e reticência, Castro Alves era poeta de praça e platéia e do Varela gostava mais daquela parte do “Evangelho na Selva”, só que é muito grande.

O que me salvou de não imitar esses e outros menos votados, foi ter me chegado às mãos livros de Mário de Andrade e de Fernando Pessoa, Oswald de Andrade, Eugênio de Andrade, Carlos Drummond de Andrade. Fui pegando pelo nome: se for Andrade era bom. [Cheguei a pensar que – tirante Pessoa – os Andrade eram tudo aparentado. Quem sabe se não são mesmo, lá pelas raízes de Portugal e Galícia?] Agora, tentava imitar a poesia desses, o jeito de escrever, meio relaxado, que é mais difícil de imitar – essa escrita, que parece fácil de fazer, mas não é. Só é fácil depois que está pronta. Há, há, há... Apenas para ficar parecido, o jeito. Quer dizer, imitava, mas com outras palavras minhas idéias, tiradas de tudo que eu lia, todo tipo de poesia, romance, conto, inclusive folhetos de cordel.

O Mário de Andrade era porreta quando botava um título nos livros. Enquanto que eu andava doido procurando nome para dar ao meu caderno de poesia, ele só tirava título bonito: “Remate de Males”, “Amar, Verbo Intransitivo”, “Macunaíma”, que é

tão nobre que parece nome de deus Azteca, não é? Ah se eu tivesse essa facilidade, mas não tinha jeito não: ficava poesia sem nome, caderno sem nome, livro projetado sem nome. Já do Fernando Pessoa, gostava dos outros apelidos que ele dava para ele mesmo, tudo nome bem apessoado, fácil de dizer: Ricardo Reis, Alberto Caeiro, Álvaro de Campos, Fernando Pessoa. Será que eram, todos, ele mesmo? Tenho cá minhas dúvidas. Algum escritor já levantou a hipótese de ter sido um grupo, coisa parecida. Tivesse eu nomes fáceis assim e seria poeta também. A leitura é que me aliviava a dor.

Agora que vi o barbeiro se dirigindo para abrir a loja, lembro que faz dias que não via o Jotaquê passar, coitado, que pelas varizes que lhe tolhem os movimentos, aquele acabava um dia tendo derrame, embolia. Ele que gostava de ficar jogando dama, xadrez, conversando história de barbearia para passar o tempo. Uma pena, afinal Jotaquê, jornalista aposentado, era um grande na prosa, conversava de todo assunto. Gostava de trocar idéias com ele, até irritá-lo com minhas safadezas extremadas. Chega que deixava ele louco, louquinho, coitado. Depois a gente acabava na maciota, se rindo um com o outro, sabendo que era safadeza. O primeiro vizinho que passava perguntava cadê ele. Pelo menos o sofrimento dele amenizava o meu. Isso que era sofrer! Minha mazela era pinto perto do coitado. Contava-me que as varizes chegavam a doer tanto que não tinha analgésico que ature. Além de hemorróidas...

Ficava matutando desse jeito porque naquela hora estava sozinho no mundo. Eu e minha casa, três quartos, sem cachorro, sem empregada. Só uma menina vinha de vez em quando limpar os aposentos, a troco de dez cruzeiros. Os meus filhos já se tinham ido cuidar da vida. Não sei porque moravam tão longe e nunca tinham tempo de aparecer. Lá uma festa ou outra reunia todo mundo. Mas depois que a mãe deles o bom Deus também chamou para o seu lado é que ficou mais difícil deles chegarem. Cada vez mais fui ficando só. Até a gata que tinha em casa, pariu uma ninhada, logo depois morreu atropelada por um ônibus, dei os filhotes. Não é os vizinhos passando, dizendo alguma coisa e só me restava mesmo os livros, a música, meus cadernos de poesia, os artigos anônimos.

Para pagar meus pecados, que ninguém é de ferro, o bom Deus me mandou uns vizinhos de lascar. Além daquela chata, que vive resmungando sobre minha vida – coitada de solteira, carola e ainda por cima virgem rejeitada no altar, só dá isso! Tem outro, que fica duas casas pra lá, que vive botando na vitrola uma música clássica tão alta que perturba toda a vizinhança. Só para mostrar que é culto ou intelectual. Volta e mais a figura vem aqui sugar da minha sabedoria, mas dou pouca pílula, dou mentira, lorota, homeopatia. Ele sai todo se rindo, pensando que agregou mais algum dom para sua intelectualidade, mas qual, só leva mesmo sarapatel, fubá de milho...

Voltando a falar da família, nem os netos ainda eu não conhecia e daqui a alguns dias seria o aniversário do primo Walter. Dava um abraço, bebia umas bebidinhas, comia uns doces e voltava. Era gente na casa dele! Como era querido o primo Walter, tinha uma esposa bonita, carro do ano, era bem conceituado. Os sobrinhos (todos me chamavam de tio), mesmo grandes, crescidos, altos, brancos, fortes, ainda me abraçavam, me beijavam, eram muito carinhosos. Sentia-me importante quando ia lá e ele me apresentava: esse é meu primo. Políticos, deputados, fazendeiros, uísque do bom, churrasco, bolo, vinho, champanhe até, tudo servido por garçom. Os sobrinhos

gostavam de ouvir minhas histórias e cada vez que chegava lá tinha de estar com alguma prontinha, na ponta da língua.

Essas pequeninas coisas que ainda me deixavam alegre. Depois, voltava para casa, estava sozinho de novo, mas a verdade é que as festas do primo Walter eram gloriosas. E as mulheres que iam lá? Nem falo, cada vestido, cada jóia... E cada coxa, cada rabo! Nossa! Volta e meia me descia uma lagrimazinha de tanta alegria e felicidade que tinha nesses momentos. Que se leva da vida? Dizia cá com meus botões: essas coisas, a amizade, o carinho das pessoas, imagina, quase estranhas. Eram os mais carinhosos, esses que a gente nem podia dizer que era íntimo da gente. E, claro, boa bebida, boa comida, manjar dos deuses. O que mais agradava, o que se leva...

Quantas vezes me arrependi das vezes que fui rude com os meus filhos. Eles é que a gente tem de trazer e deixar bem perto, sentar no colo, fazer um carinho, dar uns cheirinhos, uns beijinhos, mesmo que esse chamego todo aumente a tristeza que vai ficar, quando o bom Deus nos chamar para o seu lado direito. Se a gente não vai gostar dos filhos, vai gostar de quem? Mas tive cá meus atenuantes, porque nunca fui tão violento assim com eles. Nada de pancadas, quando meninos, sim, umas palmadinhas que mais doíam em mim. Depois, deixa pra lá, que a vida é dura demais para a gente ficar criando picuinha por bobagem. Não conto para ninguém, mas a verdade é que tive muito amor por os filhos, todos, todos, não diferenciei um do outro, nem dei privilégio.

Depois de uns tempos fiquei velho. Dava cada pesadelo, acordava aos gritos sem ninguém para me socorrer. Sonhava que meu corpo estava cheio de chagas, de coceira, vítima da AIDS e outras doenças que tais, eram muitas de imaginação. Acordava suado que nem o cão. As pernas não obedeciam, mulher, nem pensar! Só ficava espiando as menininhas passando, querendo intimamente, mas sem poder. A idade é assim que chega. A gente nunca sabe como será, só quando chega. É que nem a morte: quem sabe como será? Quem sabe quando será? Quem sabe por quê será? Nunca vi a morte mandar telegrama, mesmo para aqueles que já estão desenganados, sempre se vai dormir pensando em acordar no dia seguinte, nem que seja para ler jornal, ver televisão, ouvir rádio.

Uma manhã, estando sentado à varanda naquele relaxamento de sempre, notei que o dia estava mais silencioso, como se não tivesse movimento algum. Mas o cotidiano se animava, as pessoas se dirigiam para a escola, para o trabalho, os ônibus começavam a circular, fumarentos e barulhentos./ mas o som e os ruídos estavam apenas na minha mente. Na realidade havia uma calada, como se fosse a mais eterna noite. As pessoas não me cumprimentavam – um ou outro ainda fazia um mero aceno, os olhos perdidos lá para os fundos da casa. Mas a grande maioria ninguém se importava mais em falar comigo, dirigir alguma palavra. Só então me dei conta de que eu estava ficando invisível.

À noite eram os sonhos que substituíam as pessoas. Lembro-me ainda hoje, bem claro, de um sonho que me acompanhava durante toda a infância e juventude. Saía de casa a caminhar em terrenos baldios e sempre parava num local ermo qualquer e ficava a cavar, cavar, até deixar as mãos sujas de barro e areia negra, encharcada, até encontrar um tesouro, um ninho de moedas antigas. Não, não era um baú ou coisa

parecida. As moedas estavam no chão, enterradas como sementes. Esse sonho me acompanhava anos e anos seguidos, sempre se repetindo, mesmo quando passei a morar em cidades grandes, onde os terrenos baldios escasseavam. Deixava as moedas sujas de terras escorrer pelas mãos, mais para admirar a antiguidade de cada uma do que pelo valor intrínseco. Lembro-me bem, minha alegria era encontrar as moedas, patacas, não lembro de ligar o achado à fortuna, para mim – acho – as moedas não tinham valor monetário, mas valor histórico, de colecionador.

O meu pai teve uma dessas coleções de moedas antigas, já esverdeadas pelo azinhavre, que eu sempre ficava admirando. Era Réis, Patações, com a efígie do Rei de Portugal, brasões, frases em latim. Não sei se havia ligação entre esse fato e o sonho, mas nunca procurei interpretá-lo nem saber o significado. Busca de fortuna? Se assim fosse, as moedas deveriam ter algum valor financeiro. Desenterrar o passado? Sempre que penso nisso, fico buscando um passado que não existe. Os pais já não contam mais a história de seus antepassados, muito menos o meu, cujas parcas notícias que tinha eram mais que nebulosas. O meu passado não vai além de um avô, porcamente conhecido.

Sempre tive dificuldade com o sonho. Não sabia quando o acontecimento é sonho, quando é realidade, sempre me confundindo. Às vezes só depois de estar acordado muito tempo é que percebia que as coisas de que me lembrava eram somente sonho. Às vezes aos sonhos se misturavam as coisas cotidianas e me acompanhavam o dia todo. Existe aquele pedaço de tempo perdido que não é mais sonho nem realidade, uma coisa dúbia. É quando os fantasmas aparecem.

Quando começamos a dormir, chega um momento que não se está mais acordado nem se chegou às profundezas do sono. Nesse estado, os sonhos também acontecem, os sons do interior, misturados aos ruídos que vêm de fora, vozes, falas, algazarra. É preciso cuidado para não pensar que se está ficando louco. Por exemplo, depois que fiquei sozinho, de uns tempos para, cá andei de notar passar uns vultos. Agora mesmo, quando escrevo, vejo pelo canto dos olhos eles se movimentando. A princípio fiquei curioso, mas depois me acostumei.

“São apenas fantasmas”, disse comigo mesmo, “que fiquem sossegados...” Desde então temos uma convivência pacífica. Ou quase. Outro dia acordei de um sonho em que ouvia música alegre, muitas falas, risos, barulho de copos e garrafas, como se tivesse uma festa. Claro que fiquei chateado com aquela confusão toda a perturbar o meu sono. Acordei com vontade de mijar, fui no banheiro e aproveitei para dar uma passada na sala. Estava tudo silencioso, como se tivessem todos se calado e desaparecido de cena, em respeito a mim, apenas o vento assobiava uma música na veneziana. Voltei para a cama e a algazarra começou de imediato. Estava com sono demais para levantar-me de novo, o corpo já não mostra essa disposição toda.

“Só espero que não me deixem para amanhã o trabalho de arrumar um bocado de coisas, louças sujas para limpar”. Pensava no clima depois de festa, em que os cinzeiros, copos, pratos, garrafas vazias, líquido derramado, tudo, tudo, com aquela sujeira, fica para se limpar. E o banheiro? Banheiro depois de festa é terrível. Fiquei pensando, pensando, até o sono chegar de novo, tranqüilo. Depois da ruminação, virei para o outro lado, não me aporrinhei mais e dormi. No dia seguinte – graças a Deus –

estava tudo limpo (se é que se pode chamar a casa em que um velho mora sozinho de limpa). Deixaram tudo arrumado, sem lembrança da farra da noite anterior. Ao fim, pensei, estão mesmo é preparando terreno para outras festas...

Acostumei-me com essas reuniões, que às vezes eram ruidosas, outras mais caladas, como se houvesse alguma calamidade a comemorar. Só a partir desses ajuntamentos é que pude rever amigos dos quais não tinha notícia há tempo. Ficava de longe, encostado no portal, vendo a algazarra, sem me intrometer, até o sono chegar e me derrubar na cama. A turma era variada, aparecia de tudo. Volta e meia uns desconhecidos absolutos – notava-se bem que eram penetras – aproveitavam a festa para se divertir. Um desses colegas que não via era o Almir – amigo de infância que um dia brigou com a família toda e se mandou para os EUA em busca de novas oportunidades. Nunca mais voltou, por mais que se buscasse notícia, jamais se soube do seu destino. Ficou rico, dizem. Pois de repente começou a fazer parte do grupo – e assumiu seu lugar de vez.

É interessante ver como eles se comportam com neutralidade, ninguém querendo aparecer mais que o ouro. Não se nota nenhum traje mais indecoroso, mais espalhafatoso. Estão nem vestidos nem nus. Aliás, vocês podem estar pensando quem são eles e porque não cito um por um. Adiantaria? Adianta-me dizer aquele é o Mário, por isso e aquilo. Esta é a Maria Antônia, que o marido abandonou, mas agora estão juntos outra vez, se perdendo mutuamente. Aquele outro é o Carlos, que, dizem, roubou a mulher do melhor amigo. Está vendo o velho ali no canto? Abandonou tudo e todos pelo jogo. Filhos, mulher, amigos, emprego. Estão vendo a ambigüidade e a falsidade nessas frases? Percebem como seria inútil essa dissertação?

Infelizmente também não vejo nenhuma utilidade em dizer aqui que, depois, pude saber que a fulano aconteceu isso e a sicrana aquilo. Que Severino se suicidou. Que Maria do Carmo, fiel aos oitenta anos, jamais olhou outro homem que não o marido Leonardo. Que Roberto se acidentou num desastre de aviação, junto com outros duzentos passageiros. Que aquela Hilda não é a Hilda Furacão, mas também não fica atrás. Que o padre Hildebert certamente anda pelo inferno. Simplesmente não posso porque simplesmente não saberei nunca. O importante é me manter aqui pela redondeza, acompanhando os dias e as horas, até que chegue o momento que me dará o direito de participar das comemorações.

É só esperar, é só esperar...

SONJA SONRISAL

*“Onde quer que haja prazer para vender,
lá estarei eu para o comprar.”*

O. Goldsmith

Sonja não tinha mais de 20 anos, mas a cabeça era memorável. Pensava como político, agia como comerciante, tinha emoções, além disso, e o linguajar de prostituta. Criamos cumplicidade desde o primeiro dia em que fui na sua casa. Algumas horas depois ela sumiu de onde estávamos conversando, se isolou no quarto com uma amiga, Marisa. Andei procurando e acabei por chegar lá. Bati na porta:

“Posso invadir o castelo das putas?” Ela riu, a Marisa riu, todos rimos, me intrometi na conversa, sentei-me na cama dela. Chegamos, assim rapidamente, a uma cumplicidade ampla e ganhei a simpatia, a intimidade de Sonja. Elas estavam experimentando uns vestidos, em roupa íntima. Quando chegou a vez da Sonja, comecei a fazer um coro, que Marisa logo acompanhou:

“Strip-tease! Strip-tease! Strip-tease!” Sonja nem se fez de rogada, aproveitou a música que tocava no rádio, eu e Marisa fizemos o acompanhamento vocal:

“Taram-taram, Taram-taram, Taram-taram!” E Sonja foi tirando peça por peça, até o gran finale, em pêlo! Depois foi a vez da Marisa, de peitos enormes e brancos, por fim até eu dei o ar da minha graça, mais por força da circunstância – na realidade nunca pensei que chegasse até aí. Mas cumpri...

Apelidamos ela de Sonja Sonrisal, porque tinha a mania de tomar esse comprimido, fosse qual fosse o mal que sentisse: dor de cabeça, azia, indisposição estomacal, cólica menstrual, ressaca. Bebia pra caralho. Poucas vezes a vi sóbria, só conheci aquele semblante cansado, de quem transou a noite toda, transou e bebeu, e tomou ainda por cima alguma droga estimulante para não dormir e agüentar todas as noitadas da vida.

Poderia ser Sonja Cocaína ou Sonja Marijuana, qualquer droga que a deixasse xilada servia para sobrenome. Seus bagulhos eram gigantes, comparáveis somente aos jamaicanos: o verdadeiro charuto de erva. Ela tomava todas, mas nunca perdeu a cabeça boa que tinha.

Quando se apaixonava, era diferente. Aí não tinha droga maior que a paixão. O cara tinha que ser bastante heróico para aturar Sonja, de repente ela tirava forças de qualquer ponto que não conhecíamos, era uma energia anormal, maior que qualquer atleta. Para encarar a paixão de Sonja Sonrisal tinha que ser muito macho. E inteligente. Fosse qualquer sujeitinho metido a besta e não ganhava nada.

Toda a energia que carregava era distribuída entre o estudo e as paixões, mas ainda sobrava nela eletricidade – tirada não sei de onde – para uma fugida rápida ao Rio de Janeiro, atendendo a pedidos dos amigos, para desenhar modelos e fazer

desfiles de roupas esportivas. Como ainda achava tempo e talento, tanto para freqüentar o ateliê e desenhar, fazer gravura, pintar alguns quadros?

Entre mim e ela não fiquem pensando besteira. Naquela altura do campeonato eu já tava passando dos quarenta e ela com seus vinte anos mais parecia minha filha. A intimidade que tínhamos era de contar as coisas um para o outro, mais eu de ouvir do que contar e dar uma bronquinha, uma porradinha à guisa de conselhos. Ela gostava também de ficar quietinha, a cabeça deitada no meu ombro, com ar romântico dizendo:

“Vamos namorar um pouco”. Acontecia de ficar acariciando o rosto dela, fazendo um carinho e ela geralmente dormia no meu ombro. Senti-me mais de uma vez o paizão. Um paizão. Era minha gata, ficava nua na minha frente, tomava banho, pedia para esfregar as costas, trocava de roupa, ouvia meu palpite e gostava de estar namorando, em paixão, de contar para mim, falar do namorado, reclamar de cólicas menstruais.

Quer saber se tínhamos outras afinidades? Ora, a gente gostava de beber bastante, sem limite, até ficar de porre. E de fumar um charuto, bagulho, cigarro. Odiávamos os pais, a sociedade, jornal, TV, trabalho formal e licor. Tudo que a gente comia e bebia era mais puxado para o azedo, preferíamos as coisas amargas. Bitter, carqueja, absinto. Inventamos drinques esquisitos, de sabor inimaginável, cuja fórmula jamais guardamos.

“De doce basta a vida!”, gritávamos contra o vento nosso lema de guerra.

Ah, e também nos divertíamos muito e íamos curar a tensão e o estresse na praia, de repente sós, nus ou vestidos, com algumas garrafas de vinho branco, litros de catuaba enterrados na areia. A praia era nosso palco, o horizonte nosso cenário. Sonja Sonrisal entrava na água e gritava rezas fantásticas para Iemanjá, para Netuno, o cacete.

“Reza aí uma pra mim!” – eu gritava sabendo que era bem capaz dela não escutar nada devido ao barulho das ondas e às vezes da chuva. Ah isso também: gostávamos de tomar banho na praia quando chovia, correndo na areia, mergulhando nas ondas.

Muitas vezes, quando eu estava puto, pedia:

“Sonja, lê alguns poemas aí de Brecht ou de Mário de Andrade” – ela prontamente:

“Nunca conheci quem tivesse levado porrada (...)”

Eu ria e interrompia logo o teatro: “Ei isso é Fernando Pessoa!”

Ela continuava:

“Quem me dera ouvir de alguém a voz humana
Que confessasse, não um pecado, mas uma infâmia;

Que contasse, não uma violência, mas uma covardia!”

“Cobardia!” – ela ria das interrupções como se tivesse a me provocar. Ficávamos bons tempos nessa brincadeira de testar a memória. Só que ela era jovem e eu dependia de uma cabeça gasta...

Eu: “Eu, que tenho dado vexames financeiros, pedido emprestado sem pagar”.

Ela: “... tenho feito vergonhas...”

“Eu posso corrigir Pessoa. Também dou meus calotes, como quem diz: Devo e não nego, pago quando puder...”

Sabia vários textos de memória, outros lia, fazia drama, teatralizava, chorava, música ao fundo, sonatas de Beethoven, jazz, blues, Chopin (“Chopin não, Debussy!” ela gritava quando eu começava a mexer nos discos) ou mesmo Pixinguinha, Skank, Bob Marley.

A reciprocidade era verdadeira, só que eu mesmo fazia os meus poemas, gostava de ler para ela, mas eram composições de momento, nunca anotamos nada, nunca escrevemos no papel uma só palavra das inúmeras letras que escrevemos juntos. Para quê? A eternidade é hoje.

E bebíamos no mesmo gargalo. Uma vez derrubamos dois litros de *Four Roses*, um Bourbon forte, lascado de quente, tomado ao tiro, no vira-vira, na porrada, sem gelo nem nada, cow-boy, *one shot*. Só que esse uisquinho deixamos de tomar porque no dia seguinte nada de ressaca – já viram que coisa mais chata, você beber, beber, beber e no dia seguinte não dá ressaca? Odiávamos Engov, verão sem gripe e febre sem resfriado. Mas quando não tinha outro, vai tu mesmo.

“De doce basta a vida!”, repetíamos mesmo triste nosso grito de guerra.

Ah, Sonja, hoje estou aqui lembrando de você, pensando passar adiante essa coisa que foi você, mas quê jeito? Quem te visse assim, mirradinha, quase pele e osso, branquela, de cabelo ruço, mas com aquela cabeça ágil, o vocabulário vagando com classe entre o chulo e a academia, porra, não tem como fazer esse mistério passar para o outro lado da rua. Enfim, quem seria mais que eu a tua memória? Hoje em dia posso percorrer todos os bares que freqüentávamos juntos, em busca de amigos, mas qual, eles também já embarcaram, estão por aí, de terno e gravata metido em algum gabinete, servindo governos, prefeitos, ganhando dinheiro porque a idade já vai.

Sabe de alguém que pergunta por você? Ninguém! Os sacanas nem pensam que você está ali comigo bebendo aquele traçado horrível que inventamos de Gim, Cynar e Bitter Russo. Se bem que eu preferia botar Underberg, pimenta do reino e sal, além e umas pedrinhas de gelo pra espantar o calor que esse drinque miserável provoca. Caralho! Só de pensar me arrepiia tudo! E pensar que bebíamos esse torpedo a noite toda só pelo prazer de acordar no dia seguinte com a mais memorável ressaca, a boca mais amarga do que a vida. Que loucura de remédio.

Devo confessar que não foram só os pecados que me fizeram gostar de Sonja Sonrisal. Aliás, é bem verdade que a parte pecaminosa dela era a mais sensual e excitante, mas gostava dela porque era uma eterna apaixonada. Largou tudo: a casa, o conforto, as coisas, carros, bebidas finas e gabinetes, para espantar por aí, estudando não sociologia, mas literatura e pedagogia, disse que para abrir uma escola quando ficasse velhinha. Ela não sabe que gente assim como ela nunca fica velhinha? É que nem bandido: morre cedo. Já viu bandido ficar velhinho? Nunca! Só em filme de mafioso...

E ademais detestava as festas de fim de ano, natal, essas coisas e mesmo o carnaval ela se isolava nalguma praia deserta, metia-se até com os mais caretas que acampavam, só para fugir da arruaça que ficam as ruas, que, tirante os bêbados, o carnaval fica chato. Ainda mais aqueles convites para desfilar em palanques, carros ou blocos, bandas, ixé!, Aí mesmo era coisa. Nada, nada, Sonja quando elogiava a multidão não era no carnaval. Era aquela multidão pequena, mas revoltada, ou tempo de greve, ou sem terra, alguém, enfim, que protestasse contra.

Quando estava doidona pegava o carro do pai sem avisar e vamos, eu tinha o cuidado depois de telefonar avisando. Vamos para algum lugar além da terra, além do mar, além da ponte, subindo, subindo, avançando, avançando, correndo, correndo, sempre também com a minha mediação. Que mistério tem a velocidade que deixa a gente entre o inferno e o purgatório, beirando os mangues, os sobressaltos, as estradas asfaltadas? Égua!

“De doce basta a vida!”, assustávamos até o vento com nosso slogan de alegria.

O quanto pude tentei mediar entre ela e a loucura, mas sempre não podia estar a seu lado. Que, aliás, nem era loucura, ela era assim mesmo, estava em seu natural, com suas almas e gnomos, as criaturas ao lado. Sonja, inclusive, gostava de parar nas estradas, vem cá, vem cá, vou te apresentar o gnomo da tiririca. E ficava ali, conversando hora e hora com o pé de espinho. Ficava triste mais quando eu batia na planta:

“Tiririca, tua mãe morreu...” e as folhinhas iam ficando murchas, se recolhendo, Sonja chorava, chorava feito besta. Encostava-se ao meu ombro, não dizia, você é mau, não, ela compreendia que eu tinha o direito de dar aquela notícia triste, que a plantinha tinha de murchar e até morrer, mas matar mesmo a gente não matava.

Uma vez encontrei Sonja mal. Estava arriada ao pé da cama, como quem nem tivesse chance de se deitar. Pálida, os braços soltos, como uma bonequinha largada. Não fiquei com medo, mas pensei que tinha morrido. Aliás, estava morta, para o mundo, para todos, sozinha, morta. Respirava calmamente, o semblante macilento, mas sereno. Peguei-a com muito cuidado, arrumei o corpinho desleixado na cama, cobri com o lençol. Molhei uma toalha com água e passei no rosto dela e ela, mesmo apagada, soltou um sorriso, um suspiro. Eu também estava cansado e com sono, deitei ali mesmo ao lado num sofá.

Só acordei no dia seguinte, já com os ruídos que ela fazia na cozinha, mexendo em xícaras, pratos, o cheiro de café entrando pelo cérebro adentro. Estava alegre,

risonha, bem disposta, ao contrário da Sonja que vi de noite. Cheguei abraçando-a com carinho:

“Você me mata de susto”, fui dizendo já em tom de bronca.

“O que foi?”

”Ontem à noite” – e para mostrar apertei-lhe o braço. Ela tinha coberto os braços com a manga da blusa para esconder as marcas da agulha.

“Ah – disse – tá tudo normal, não foi nada”.

”O meu medo é que um dia você erre na dose. Acontece muito, por isso tem esses acidentes”.Falei assim como quem não quer nada, porque a crítica é pior, os gritos, isso não. Porque me lembrava de Jimi Hendrix, Janis Joplin, Marilyn Monroe, Curt Cobain, além de uma porrada de gente anônima que algum dia achou que a dose era pouca – e aí, babau, você não pode acordar para tomar antídoto.

“Nunca ache que é pouco, nunca! Mas, que porra foi desta vez? Foi o Mário? Alguém te aporrinhou?” – Mário era o seu novo amor.

“O Mário? Coitadinho. Tão bonzinho. Foi mamãe. Me telefonou, brigas, brigas em família, broncas, crises. Ela tem tudo o que precisa porra, como pode viver estressada?”

”Mas de tão longe?” Eu falava, mas tremia um pouco: a sacana me deu medo mesmo, um susto de provocar taquicardia, neurose.

”Pois é, você veja. Mas deixa pra lá. Passou, foda, já passou”.

“De doce basta a vida!” E para encerrar me deu um beijo, como sempre fazia quando as conversas eram desagradáveis. Era o remédio para todos os males. Sentou nas minhas pernas, o braço direito atracado no meu pescoço, suspirou. Agora sua face ficou mais rosada. Não fossem as olheiras e achava que estava tudo normal. Essa bosta de cocaína é capaz de fazer algum bem, pensei com meus colhões, sabendo que era mentira...

Tomamos um café bem quente. Fiz ovos mexidos e queria que ela comesse algo, mas nada. Como sempre, comia pouco. Forcei mais no café. Ela encostou a boca na minha orelha para dizer o segredo. Quando acabou de falar, lambeu o meu lóbulo e riu safada.

“Não! Não”, disse num tom peremptório, tão sério que ela ficou amuada. Por enquanto o pensamento de ontem estava bem fresco, me magoando, para pensar em qualquer sacanagem. Foi a minha vez de dar um beijo gostoso, com gosto de café, para encerrar o assunto. Vê como ela era! São essas coisas que fazem as pessoas se eternizarem dentro da gente.

Mas quem vai lembrar uma pessoa assim? Quem? Quem? Só eu mesmo, que tenho mania de grudar as almas em minha roupa, até quando vou dormir. Às vezes dou gritos loucos, sou acordado pelos outros, dizem que é pesadelo, mas não, são eles, que não dormem nunca mais, querendo que eu fique acordado 100% a vida. Sonja tinha alegria e pressa de viver. Por isso tinha a existência agitada, sofrida, intensa. Era dessas pessoas que não se importa com o que vai encontrar na próxima esquina.

“De doce basta a vida!” – para ela era mel a vida, mas não tinha medo da guerra.

Não dá, não dá. Por que não são todos como Sonja Sonrisal? Essa sei, sei que não perturba, ela fica ali, encostada no meu ombro, parecendo criancinha, bebezinho, querendo pai, querendo mãe, mas odiando querer, mesmo sendo eu pai e mãe. Às vezes chora, às vezes sorri, às vezes lê umas poesias lindas para mim, canta, grita “Strip-tease! Strip-tease! Strip-tease!”, se rindo da minha admiração e do meu sorriso também, porque eu acompanhava o coro. Mas os outros...

Se vocês pensam que tenho todos os orgulhos de que Sonja e eu fôssemos iguais, não é verdade. Tem coisa que me deixou mais triste dela parecer comigo: Gostávamos de inventar que íamos nos suicidar. Quantas vezes nos perdemos de cuidados para *suicidar*. Era a paixão e o *suicídio*. Nossos desejos e *suicídio*. As frustrações e o *suicídio*. A alegria e o *suicídio*. Também eu me apaixonava e suicidava, antes contava para Sonja:

“É aquela a musa dos meus pesadelos, o inferno atual da minha existência! Quero morrer”.

Ela ria e se apresentava para a mulher como minha filha ou sobrinha, às vezes aluna, só para me ver perto da razão do meu viver apaixonado, de quem me deixava tresloucado, da musa do meu viver desesperado, de quem provocaria o meu próximo *suicídio*. Ela até ajudava a me *suicidar*. Escolhíamos o lugar e, contritos, nos sentávamos, concentrados, dispostos a nos libertar da alma. Era bonito nos ver ali, nós dois, nos *suicidando*, num pôr-do-sol, diante da alegria, do som e da luz de tudo à nossa volta. Sempre escolhi morrer no mar, na praia, perto do mar.

Longe dela já ficava tudo triste mais. Que diabo tem a vida de nos levar para lá, para cá, que nem bosta n'água? Porra! Um dia não estava eu para acompanhá-la no *suicídio* dela, por causa de uma paixão daquelas. Era um cara até bonito, mas não tinha tino nem estofo para Sonja Sonrisal. Eu não dizia isso, que escolha era dela. Nunca disse, ele não presta para você, não, nunca disse. Nem ela me disse isso, ao contrário, sempre dizia, vai fundo, vai que ela está te gostando. Eu também dava esses estímulos, tocava fogo na relação, animava quando estava desanimado – Sonja, desanimada? – não, era o outro. Longe dela – eu dizia – eu estava e não pude fazer nada. Ah, Sonja, que sacanagem grande fez!

Deu no jornal a notícia, mas ainda bem que eu não estava lá para ver a tristeza. Todo mundo viu, menos eu.

É claro que a turma venceu: fizeram a última vaquinha para enterrar Sonja num ataúde decente. Quatro círios foram acesos e o padre apareceu para dar a última

bênção – ela certamente morreria de raiva e tédio. E foi assim que soube: um dia ela errou na dose do suicídio. Não foi nada de falar com Iemanjá, nada, foi falar sim, pessoalmente no fundo do mar, porque quis. Será que sentiu minha falta? Eu nem chorei porque Sonja Sonrisal não era de aturar choro. Errou na dose, suicidou-se sem mim e depois não deu jeito, nem o Sonrisal, nem ambulância, porra nenhuma, nada. Não, eu não chorei nem fiquei com pena dela não, mesmo afinal ela ainda sai a beber comigo por aí, como igualmente, à moda antiga.

– De doce basta a vida! – Sussurrei nosso grito de guerra, nosso passaporte para o outro lado...

CORPO NA PRAIA

A praia de Olho d'Água amanheceu de luto, pela morte da popular Sonja Sonrisal, rainha da noite. Sonja era vagabunda, alcoólatra, endereço desconhecido e muitas vezes era confundida com mendigos.

O corpo de Sonja Sonrisal amanheceu na praia inchado, em adiantado estado de decomposição. Ela foi vista pela última vez mergulhando nas ondas, com um ramo de flores para homenagear a madrinha Iemanjá.

Sonja Sonrisal, tinha a voz que lembrava a cantora Maysa e era conhecida pelas canções de amor e poemas obscenos de sua autoria, que declamava em troca de bebida, cigarro e comida.

O lamento foi geral entre os boêmios, vagabundos, putas e malandros. Na manhã seguinte as barracas da praia botaram uma fita preta em sinal de luto. Os botequins abriram a meia porta. Uma grande romaria acompanhou o corpo da desventurada ao cemitério.

Houve revolta geral quando souberam que Sonja Sonrisal ia ser enterrada no local destinado aos mendigos. Nosso jornal participou de uma *vaquinha* para pagar um enterro digno, com flores, velas e padre.

Repouse em paz.

O Autor

Salomão Rovedo (1942), formação cultural em São Luis (MA), desde 1963 reside no Rio de Janeiro. Participou de vários movimentos poéticos nas décadas 60/70/80.

Publicados

Abertura Poética (Antologia), Walmir Ayala/César de Araújo-CS, Rio de Janeiro, 1975; Tributo (Poesia)-Ed. do Autor, Rio de Janeiro, 1980; 12 Poetas Alternativos (Antologia), Leila Miccolis/Tanussi Cardoso-Trotte, Rio de Janeiro, 1981; Chuva Fina (Antologia), org. Leila Miccolis/Tanussi Cardoso-Trotte, Rio de Janeiro, 1982; Folguedos (Poesia/Folclore), c/Xilogravuras de Marcelo Soares-Ed.dos AA, Rio de Janeiro, 1983; Erótica (Poesia), c/Xilogravuras de Marcelo Soares-Ed. dos AA, Rio de Janeiro, 1984; Livro das Sete Canções (Poesia)-Ed. do Autor, Rio de Janeiro, 1987

Inéditos

Liriana (Contos), O Breve Reinado das Donzelas (Contos), Estrela Ambulante (Contos), O Pacto dos Meninos da Rua Bela (Contos), Ventre das Águas (Romance), Poesia de Cordel - O Poeta é Sua Essência (Ensaio), O Cometa de Halley e Outros Ensaio (Artigos Publicados em Jornais), (Poesia): Pobres Cantares, 20 Poemas Pornôs e 1 Canção Ejaculada, Glosas Escabrosas (Xilogravura de Marcelo Soares), Blues Azuis & Boleros Imperfeitos, Ventre das Águas, Amaricanto, Viola Baudelaireana e Outras Violas, Templo das Afrodites, Amor a São Luís e Ódio, Anjos Pornôs, Macunaíma (Em Cordel)

Outros

Publicou folhetos de cordel como Sá de João Pessoa; Publicou o jornalzinho de poesia Poe/r/ta; Colaborações: Poema Convidado(USA), La Bicicleta(Chile), Poetica(Uruguai), Alén(Espanha), Jaque(Espanha), Ajedrez 2000(Espanha), O Imparcial(MA), Jornal do Dia(MA), Jornal do Povo(MA), A Toca do (Meu) Poeta (PB), Jornal de Debates(RJ), Opinião(RJ), O Galo(RN), Jornal do País(RJ), DO Leitura(SP), Diário de Corumbá(MS) ...E outras ovelhas desgarradas, principalmente pela Internet...

Endereço: Rua Basílio de Brito, 28/605-Cachambi
20785-000-Rio de Janeiro Rio de Janeiro Brasil
Tel: +55 21 2201-2604

